

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THAÍSA HELENA PEIXOTO CASTELO BRANCO

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM FOCO: uma investigação sobre o fenômeno da
Topicalização na Cidade de Governador Nunes Freire/MA

São Luís
2019

THAÍSA HELENA PEIXOTO CASTELO BRANCO

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM FOCO: uma investigação sobre o fenômeno da
Topicalização na Cidade de Governador Nunes Freire/MA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Maranhão como
quesito para a obtenção do Título de Mestre em
Letras (Língua Portuguesa).

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Côrrea
Pereira Mugschl.

São Luís
2019

THAÍSA HELENA PEIXOTO CASTELO BRANCO

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM FOCO: uma investigação sobre o fenômeno da
Topicalização na Cidade de Governador Nunes Freire/MA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Maranhão como
quesito para a obtenção do Título de Mestre em
Letras (Língua Portuguesa).

Aprovada em 26/4/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sonia Maria Pereira Côrrea Musghl (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima (Convidada Interna)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. José Haroldo Bandeira de Sousa (Convidado Externo)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Peixoto Castelo Branco, Thaísa Helena.

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM FOCO : uma investigação sobre o fenômeno da Topicalização na Cidade de Governador Nunes Freire/MA / Thaísa Helena Peixoto Castelo Branco. - 2019. 80 f.

Orientador(a): Sonia Maria Côrrea Pereira Mugschl.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS, 2019.

1. Comunidade de prática. 2. Construções de Tópico. 3. Português Brasileiro. 4. Sintaxe. 5. Sociofuncionalismo. I. Côrrea Pereira Mugschl, Sonia Maria. II. Título.

À minha mãe, por sempre estar onde eu precisar.

À minha Tia Leninha, minha maior torcedora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre e em primeiro lugar.

À minha família, pelo apoio e pela compreensão em mais esta etapa da minha vida acadêmica.

À minha orientadora, Professora Doutora Sônia Almeida, pela parceria e dedicação dos últimos meses. Por me ensinar novas formas de caminhar.

Aos colegas do Mestrado em Letras, pela troca de conhecimentos, pelo compartilhamento de ideias e divisão de aflições ao longo desta jornada.

Aos professores do Mestrado em Letras, na pessoa da Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima, ex-coordenadora do Programa de Mestrado, pelo incentivo e pela acessibilidade de sempre.

Aos colegas de trabalho pela tolerância e paciência em relação às minhas inúmeras ausências do ambiente laboral enquanto percorria esta jornada. Em especial, à Tatiane Duarte pela certeza de que, independente do Mestrado, posso sempre contar com sua parceria.

A todos aqueles que, de certa forma, contribuíram para a elaboração desta dissertação.

O mais importante na comunicação é ouvir o que não foi dito.

Peter F. Drucker

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo descrever e analisar a fala da cidade de Governador Nunes Freire como *locus* que manifesta sinais do Português Brasileiro, a partir do fenômeno das Construções de Tópico, no âmbito da sintaxe da Língua Portuguesa. Em nosso estudo, buscamos investigar como tal fenômeno se apresenta na fala dos moradores da referida cidade – considerando a comunidade de prática específica desta investigação os participantes envolvidos em audiências criminais – para saber se esse fenômeno interfere nas relações estruturais que regem a nossa língua. Para isso, utilizamo-nos da seguinte metodologia: pesquisa sociolinguística, de natureza exploratória *qualiquantitativa*, cujo processo inclui *coleta de dados, definição dos grupos sociais, descrição linguística dos dados e análise dos resultados obtidos*. Os dados apresentados aqui foram recolhidos de depoimentos prestados no Fórum do município de Governador Nunes Freire/MA, entre os anos de 2015 a 2018, totalizando 16 depoimentos, divididos em grupos de homens e de mulheres, subdivididos por faixa etária e escolaridade. Como fundamentação teórica, valemo-nos do Funcionalismo como base epistemológica da Sociolinguística, bem como de suas vertentes: a Sociolinguística Interacionista e o Sociofuncionalismo, tendo em vista que o princípio fundamental das citadas teorias é analisar a *língua em uso*, assim como nos propomos neste trabalho. O conceito de *tópico* utilizado em nosso estudo é o de Perini (2006), que o classifica como *uma função discursiva, que, embora seja representada formalmente (colocação no início do período), tem a ver com a situação de comunicação*, por acreditarmos ser tal conceito o que melhor se encaixa no âmbito de nossa pesquisa. Assim, trabalhamos com as ideias de *Tópico Sentencial* e de *Tópico Discursivo*, verificando qual dos dois tipos é mais frequente em cada grupo e se fatores sociais influenciam nessas realizações, sendo constatado que as realizações das *Construções de Tópico* estão presentes em todos os grupos de falantes investigados, independente de *sexo*. Porém, percebemos que o fator *faixa etária* e o fator *escolaridade* foram predominantes em segmentos sociais diferentes, sendo o *Tópico Sentencial* mais frequente em grupo de mulheres de menor faixa etária e o *Tópico Discursivo* mais frequente no grupo de homens de maior escolaridade. Percebemos, também, na fala daquela comunidade de prática que, apesar de nem sempre poder ser analisado sintaticamente, o *tópico* não *agramaticaliza* a sintaxe das orações de nossa língua, ao contrário, torna a comunicação mais dinâmica e fluida. Já que, mais que uma função sintática, o *tópico* possui uma função comunicativa, não devendo, portanto, ser analisado de forma descontextualizada.

Palavras-chave: Sociofuncionalismo. Sintaxe. Português brasileiro. Construções de tópico. Comunidade de prática.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo describir y analizar el discurso de la ciudad de GovernadorNunes Freire como *locus* que expresa señales del Portugués de Brasil desde el fenómeno de las Construcciones de Tema dentro de la sintaxis de la lengua portuguesa. En nuestro estudio, buscamos investigar cómo tal fenómeno se presenta en el habla de los habitantes de dicha ciudad-considerando una comunidad de práctica específica, participantes en audiencias criminales- para saber si ese fenómeno interfiere en las relaciones estructurales que rigen nuestra lengua. Para ello nos utilizamos de la siguiente metodología: investigación sociolingüística, de naturaleza exploratoria cualitativa cuantitativa, cuyo proceso incluye *recolección de datos, definición de los grupos sociales, descripción lingüística de los datos y análisis de los resultados obtenidos*. Los datos presentados aquí fueron recogidos de testimonios prestados en el Foro del municipio de GovernadorNunes Freire / MA, entre los años 2015 y 2018, totalizando 16 testimonios, divididos en grupos de hombres y de mujeres, subdivididos por grupo de edad y escolaridad. Como fundamentación teórica nos valemos del Funcionalismo y de la Sociolingüística, así como de sus vertientes: la Sociolingüística Interaccionaria y el Sociofuncionalismo, teniendo en vista que el principio fundamental de las citadas teorías es analizar la lengua en uso, así como nos proponemos en este trabajo. El concepto de *tópico* utilizado en nuestro estudio es el de Perini (2006), que lo clasifica como *una función discursiva, que, aunque se representa formalmente (colocación al inicio del período), tiene que ver con el papel del elemento en la situación de la situación de la comunicación*, por creer que es tal concepto el que lo que mejor encaja en el ámbito de nuestra investigación. Así, trabajamos con las ideas de *Tema Sentencial* y de *Tema Discursivo*, verificando cuál de los dos tipos es más frecuente en cada grupo y si factores sociales influyen en esas realizaciones, siendo constatado que las realizaciones de las *Construcciones de Tema* están presentes en todos los grupos de hablantes, independiente de sexo. Sin embargo, percibimos que el *factor edad* y el *factor escolaridad* fueron predominantes en segmentos sociales diferentes, siendo el Tema Sentencial más frecuente en grupo de mujeres de menor edad y que el Tema Discursivo es más frecuente en el grupo de hombres de mayor escolaridad. En el discurso de aquella comunidad de práctica que, a pesar de no siempre poder ser analizado sintácticamente, el tópico no *agramaticaliza* la sintaxis de las oraciones de nuestra lengua, al contrario, hace la comunicación más dinámica y fluida. Ya que, más que una función sintáctica, el tópico tiene una función comunicativa, por lo que no debe analizarse de forma descontextualizada.

Palabras clave: Sociofuncionalismo. La sintaxis. Portugués brasileño. Construcciones de temas. Comunidad de práctica.

LISTA DE ABREVIACÕES/SIGLAS

Anac	Anacoluto
CT	Construções de Tópico
DE	Deslocamento à esquerda
FNF	Fala nunes-freirense
GNF	Governador Nunes Freire
GT	Gramática Tradicional
PB	Português Brasileiro
SI	Sociolinguística Interacionista
SV	Sociolinguística Variacionista
Top	Topicalização
TD	Tópico Discursivo
TS	Tópico Sentencial
Tsuj	Tópico-sujeito

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Maranhão.	54
Figura 2 - Cidade de Governador Nunes Freire (BR 316).	55
Figura 3 - Morro do Alto do Bec.	56
Figura 4 - Fachada do Fórum de Governador Nunes.	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PANORAMA TEÓRICO: ENTRE O FUNCIONALISMO E A SOCIOLINGÜÍSTICA	15
2.1 O Funcionalismo	15
2.2 A Sociolinguística.....	19
2.3 O Sociofuncionalismo	26
3 PANORAMA HISTÓRICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	29
3.1 Língua Portuguesa: raízes do português falado no Brasil.....	29
3.2 O Português Brasileiro	31
3.3 O Português Brasileiro em Governador Nunes Freire.....	33
4 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	35
4.1 O que é o Tópico?	35
4.1.1 O Tópico em Pontes	36
4.1.2 O Tópico em Bagno.....	38
4.1.3 O Tópico em Perini	39
4.2 O tópico e suas relações sintáticas.....	44
5 METODOLOGIA.....	52
5.1 A Cidade de Governador Nunes Freire/MA: para além da comunidade de prática	54
5.2 Fatores sociais da pesquisa	57
5.3 Instrumento de coleta de dados.....	59
5.4 Os dados	61
6 RESULTADOS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	67
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA USO DOS DADOS	79
APÊNDICE B – CLASSIFICAÇÃO SINTÁTICA DA AMOSTRA	80

1 INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, surgiram algumas discussões e/ou reflexões sobre a Língua Portuguesa falada no Brasil, nesta investigação denominada Português Brasileiro (PB). Nesse momento, tais debates foram movidos por um forte sentimento nacionalista de alguns estudiosos de nosso idioma, tal como José de Alencar (1865) que recebeu duras críticas à sua obra *Iracema*, de escritores portugueses que não aceitavam o modo como ele escrevia e o deputado José Clemente que, em 1826, sugeriu que os diplomas dos médicos fossem escritos em “língua brasileira”.

Com o advento da Linguística, já no início do século XX, e de suas vertentes – como a Sociolinguística – essas discussões tomaram outro rumo e o sentimento nacionalista deu espaço a uma busca incessante de conhecimento sobre a natureza do português aqui falado e suas principais características.

No Brasil, são muitos os estudos que buscam descrever o Português Brasileiro, levando em consideração suas características peculiares que o diferem do Português Europeu – tanto do ponto de vista fonético-fonológico, quanto do morfossintático e do lexical, como o Programa de Estudos sobre Uso da Língua - PEUL, que estuda o português falado no Rio de Janeiro e é pioneiro em utilizar a metodologia laboviana no país, e o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, projeto de caráter nacional que busca montar um atlas linguístico do Português Brasileiro.

Pesquisas apontam que estudos *quantitativos* com bancos de dados estratificados e características sociodemográficas bem definidas – típicos da Sociolinguística Variacionista (SV) de William Labov – ainda são, na atualidade, os mais numerosos no país. Entretanto, percebemos outras linhas de investigação sociolinguística em plena ascensão como, por exemplo, estudos pautados na Sociolinguística Interacionista.

Esses estudos, seguindo a linha variacionista, demonstram que as variedades linguísticas são reflexos do status social de seus falantes e visam desmistificar alguns preconceitos que ainda vigoram em relação aos estudos de uma língua, muitas vezes associados à Gramática Tradicional, que insiste em prevalecer no imaginário da maioria da população, como se fosse a “*versão*” correta da língua e, por isso, a que deve ser almejada para nosso idioma, sob o parâmetro do prestígio social.

Apesar de reconhecer as inúmeras características do Português Brasileiro presentes nos âmbitos fonético-fonológico, morfológico e lexical de nossa língua, neste trabalho,

optamos por analisar um fenômeno sociolinguístico específico no espaço sintático, no intuito de verificar de que forma esse tipo de realização interfere, se interfere, na organização sintática da fala de uma comunidade de prática específica do município de Governador Nunes Freire/MA.

Sabemos que são bastante numerosas as *marcas* de caráter sintático do Português Brasileiro, como por exemplo: o *emprego dos pronomes átonos em posição proclítica*; *predominância do gerúndio*; *predominância da preposição Em*; *pronome Ele como objeto*; *topicalização*; *ausência do uso do Sim em respostas*; *substituição de Você por Cê*; *explicitação do sujeito*; *mistura dos pronomes Tu e Você*; *utilização do pronome de tratamento Você quando há intimidade e O Senhor em situações formais*; *Mim como sujeito de infinitiva preposicionada*; *dupla negação*; *verbos de movimento construídos com a preposição Em*; *predominância do verbo Ter no lugar de Haver*; *pleonismo*; *a ausência de passiva na fala*; entre outras.

Tendo em vista o extenso número dessas *marcas linguísticas* de caráter sintático, optamos por analisar apenas uma: **a topicalização**. Analisada sob o viés da Sociolinguística Interacionista, queremos saber de que forma esse fenômeno se manifesta na fala de uma comunidade de prática específica: depoentes do Fórum da cidade de Governador Nunes Freire/MA. Buscamos, ainda, analisar de que forma essas realizações interferem na organização sintática de suas falas. Nossa principal hipótese é a de que o fenômeno da *Topicalização* se faz presente na fala dos moradores da cidade de Governador Nunes Freire, sendo mais frequentes na fala de grupos mais jovens, independentemente da variável sexo. Porém, como veremos ao final de nosso trabalho, o fator escolaridade também foi determinante para um dos grupos analisados. Acreditamos que ao respondermos se a *Topicalização* está ou não presente na fala daquela comunidade de prática de Governador Nunes Freire, tal como já foi identificado como marca do Português Brasileiro, estaremos confirmando de forma particularizada o que já foi identificado de forma mais geral, por alguns estudiosos sobre o tema, como, por exemplo, Eunice Pontes (1987), pioneira nos estudos sobre o Tópico no Brasil.

Seguindo a tendência dos estudos sociolinguísticos e visando contribuir para uma melhor descrição e conhecimento do Português falado no Brasil, elegemos a cidade de Governador Nunes Freire, localizada no interior do Estado do Maranhão, como fonte de dados de nossa pesquisa, tendo em vista que, até onde temos conhecimento, não existem trabalhos dessa natureza referentes à fala de seus moradores.

Como já dito, estudos feitos sob a égide da sociolinguística variacionista vêm fomentando a ampliação do conhecimento sobre o português brasileiro desde a década de 1970, através da descrição e da análise de fenômenos variáveis nos âmbitos fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo. Contudo, há estados da federação em que tais pesquisas são ainda incipientes ou mesmo inexistentes. (FREITAG et al, 2012, p. 936-937)

Apesar de a abordagem da Sociolinguística Variacionista nos fornecer as categorias sociodemográficas abordadas em nosso trabalho, quais sejam *sexo, idade e escolaridade*, não trabalhamos aqui com o conceito de *comunidade de fala* e, sim, com a ideia de *comunidade de prática*, representada em nosso trabalho por um grupo de pessoas engajadas em um empreendimento comum, no caso, depoimentos em audiências criminais no Fórum da cidade de Governador Nunes Freire.

De um modo geral, bancos de dados constituídos de acordo com a metodologia da Sociolinguística são, ainda, importantes fontes para os estudos sociolinguísticos. Faz-se necessário, no entanto, aprimorá-lo para contemplar a dimensão da comunidade de prática, do estilo e da personae, ou da terceira nos termos de Eckert. (FREITAG, 2012, p. 926)

Estamos, assim, seguindo a vertente da Sociolinguística Interacionista, cujo foco não está no social e, sim, na *construção do significado social* de acordo com a necessidade e objetivos dos falantes de uma comunidade delimitada, tal como é o caso da nossa investigação.

Ainda como fundamentação teórica, utilizamo-nos das ideias do Funcionalismo, que apresenta uma concepção de língua baseada na interação social, buscando investigar se o contexto é motivador para os fatos da língua. Considerando esclarecedora a aplicação do conceito de Funcionalismo à análise Sociolinguística, construiremos um percurso denominado Sociofuncionalismo, que favorecerá uma articulação teórica para a construção das ideias em nosso estudo.

Assim, nosso trabalho está dividido da seguinte forma: primeiramente, apresentamos nosso aparato teórico, voltado para o Funcionalismo e para a Sociolinguística, com ênfase no Funcionalismo norte-americano e na Sociolinguística Interacionista. Em seguida, traçamos uma linha histórica sobre as origens do Português Brasileiro, tendo como ponto de partida a expansão da língua portuguesa e sua conseqüente chegada ao Brasil. Nesse mesmo capítulo, buscamos apresentar como o Português Brasileiro foi se moldando ao longo do tempo até chegar ao português tal qual o conhecemos hoje, com destaque para o Português

falado no município de Governador Nunes Freire. No terceiro capítulo, discutimos o conceito de *Tópico* com base em autores diferentes, porém, com destaque para os estudos de Mário Perini, em cujos conceitos baseamos nosso estudo. Nesse mesmo capítulo, discutimos a natureza sintática do *Tópico*, tanto sob o ponto de vista gramatical/tradicional, quanto sob o ponto de vista funcionalista, no qual fundamentamos nossa pesquisa. O quarto capítulo, dedicado à Metodologia, engloba nosso método de coleta, os fatores sociais e o instrumento de coleta de dados de nossa pesquisa. É também nesse capítulo que apresentamos a cidade de Governador Nunes Freire, bem como apresentamos os dados obtidos em nossa pesquisa. O quinto capítulo foi dedicado à análise dos resultados obtidos e o capítulo seguinte às nossas considerações finais.

Buscamos, através deste trabalho, contribuir para os estudos sociolinguísticos do Português Brasileiro e, principalmente, para os estudos dessa área em nosso Estado. Ressaltamos aqui a importância do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA¹ que vem buscando, através de suas pesquisas, mapear a realidade linguística do Maranhão. Entretanto, o Município de Governador Nunes Freire não faz parte da rede de pontos do ALiMA e, até o presente momento, não foram encontrados estudos linguísticos nesse sentido que contemplassem o referido município, o que torna ainda mais relevante nossa pesquisa e os resultados ao final apresentados.

Destacamos, também, que estudos sociolinguísticos de caráter *qualitativo*, como em nosso trabalho, com foco em comunidades de prática vem crescendo no Brasil, haja vista – e como vem sendo comprovado ao longo de inúmeros estudos empíricos – que a linguagem, nada mais é do que um sistema adaptativo. Assim, estudos como este contribuem para fortalecer a pesquisa nessa área e auxiliar na ampliação e na construção de novos bancos de dados sobre o Português Brasileiro, em específico, o Português Maranhense.

¹ Projeto coordenado pela Profa. Dra. Conceição de Maria Araujo Ramos, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

2 PANORAMA TEÓRICO: ENTRE O FUNCIONALISMO E A SOCIOLINGUÍSTICA

Com o surgimento da Linguística, normalmente associado ao Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure (1916), a ideia de uma língua estática e homogênea foi dando espaço à visão de uma língua mais dinâmica e mutável, que sofre alterações e adaptações por seus falantes. “Um dos aspectos relacionados às línguas humanas que mais têm intrigado os linguistas é sua fluidez, ou seja, sua capacidade de assumir formas diferentes em indivíduos e em situações ou épocas diferentes”. (MARTELLOTA, 2015, p. 49)

Entretanto, a Linguística deu início, de forma mais ampla, a uma série de novas teorias a respeito da língua e de seu funcionamento. Além disso, abrangeu diversas outras áreas de conhecimento. A seguir apresentamos o olhar *sociofuncionalista* desta investigação: a teoria Funcionalista e a teoria Sociolinguística – com destaque para a Sociolinguística Interacionista –, bem como uma nova abordagem teórica articulada entre elas, denominada *Sociofuncionalismo*, com seus pontos comuns e conflitantes. Para isso, tratamos de cada visão teórica especificamente.

2.1 O Funcionalismo

O Funcionalismo é uma corrente teórica oriunda das Ciências Sociais, cujo conceito foi trazido para a Linguística, favorecendo o estudo da relação das estruturas gramaticais da língua e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Como corrente linguística, surgiu no século XX, a partir do Círculo Linguístico de Praga, cuja ideia principal é de que a estrutura da língua está determinada por suas funções.

Dois grandes polos se originaram desse movimento que variavam de acordo com a ênfase dada à significância da *função* em seus modelos teóricos: o *polo formalista* e o *polo funcionalista*.

O *formalismo* teve como principal representante o *Gerativismo* de Noam Chomsky (1957), que propunha analisar não só o desempenho (uso) do falante, mas também sua competência e conhecimento linguístico. Logo, a visão formalista da língua é a de uma entidade autônoma, que não depende do uso; da comunicação na situação social.

Tal como destaca Martellota (2015, p. 13): “O chamado polo formalista caracteriza-se, em termos gerais, pela tendência de analisar a língua como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais”.

Em contrapartida, no *polo funcionalista*, a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante. Apesar de não nos aprofundarmos nesse aspecto, acreditamos na complementaridade das duas teorias e a escolha por uma delas não deve, de forma alguma, negar ou menosprezar as contribuições daquela que possa parecer preterida.

Tendo em vista a complexidade da língua, como objeto de estudo, é necessária a coexistência de perspectivas teóricas diferentes para melhor compreendê-la. Aqui, como já dito anteriormente, a perspectiva escolhida foi a funcionalista, que aprofundamos a partir de agora.

A corrente Funcionalista difere de outras correntes como o *Estruturalismo* e o *Gerativismo*, por conceber a linguagem como um instrumento de interação social, tendo como interesse de investigação linguística tanto a estrutura gramatical quanto o contexto discursivo, que motiva a realização dos fatos da língua.

Sobre isso, destacamos:

O polo funcionalista caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (MARTELLOTA, 2015, p. 14)

O interesse da teoria funcionalista excede o caráter gramatical, buscando investigar se o contexto discursivo é motivador para os fatos da língua. Assim, o funcionalismo apresenta uma concepção de língua baseada na interação social.

A corrente funcionalista ganhou adeptos em algumas escolas linguísticas da Europa, com destaque para o grupo holandês e Simon Dik, que, na década de 1970, desenvolveu a Teoria da Gramática Funcional, que propõe uma gramática que busca dar conta da natureza da linguagem. “Para Dik, o principal interesse de uma linguística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas”. (MARTELLOTA, 2015, p. 15).

Vale destaque, também, para as escolas de Londres através dos estudos de Michael Halliday (1974), que desenvolveu uma abordagem funcionalista da língua que leva em consideração um conjunto de situações comunicativas onde ocorre um processo linguístico.

Nos Estados Unidos, apesar da tendência dominante do formalismo, o funcionalismo ganhou força, também na década de 70, com os trabalhos de alguns linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, “que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística”. (MARTELOTA, 2015, p. 17).

Ainda sobre a visão funcionalista norte-americana, Martellota assevera:

De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída. (MARTELOTA, 2015, p. 15).

Em outras palavras, o funcionalismo norte-americano concebe a gramática de uma língua como um conjunto de regularidades que são convencionalizadas pelo uso concreto nas diferentes situações de comunicação.

Para fins de nossa pesquisa, a vertente funcionalista norte-americana é a que melhor representa nossa visão de *língua em uso*, já que busca observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, assim como vê a sintaxe como uma estrutura em constante mutação, tendo em vista as vicissitudes do discurso.

Givón (1995), um dos principais representantes do funcionalismo norte-americano, em seus estudos, posiciona-se através de conceitos como ***Iconicidade, Fala e Pancronia***, sob três *dogmas* da linguística estrutural: a arbitrariedade do signo, *langue x parole* e *diacronia x sincronia*.

De acordo com Saussure (1916), o signo é *arbitrário* porque a relação de significante e de significado do signo linguístico nada mais é do que algo convencionalizado entre seus falantes. Entretanto, para os funcionalistas existe algum tipo de *motivação*, seja ela fonética, semântica ou sintática, que possibilita a criação de novos rótulos de forma mais fácil pelos falantes. Essa ideia de não arbitrariedade é chamada de ***Iconicidade***.

Sobre a distinção estruturalista de *langue x parole*, onde os fatos relacionados à língua eram considerados mais relevantes, o discurso individual, a ***Fala***, ganha destaque na

visão funcionalista, sendo considerada o gerador do sistema linguístico que alimenta o discurso.

Já a dicotomia *sincronia* x *diacronia*, outrora analisada de forma separada, no funcionalismo passa a ser vista sob uma nova ótica: a ***Pancronia***. Nessa concepção pancrônica de mudança, além das relações sincrônicas e diacrônicas de seus elementos, são levadas em consideração “as forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal, pois refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações”. (MARTELLOTA, 2015, p. 20).

Outra característica do funcionalismo bastante significativa é a ***gramaticalização***. Segundo essa teoria, quando determinadas formas linguísticas migram do léxico para a gramática, há a *gramaticalização*. Assim, precisamos entender que a *mudança*, em termos de língua, é um processo.

Assim, na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por ter acabado de começar, mas se regulariza com o uso, com a repetição, passando a exercer pressão suficiente para fazer com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma, entrando na gramática (*gramaticalização*). (MARTELLOTA, 2015, p. 42).

Logo, podemos concluir que a gramática está sujeita à mudança, já que depende do uso que é feito dela nas diversas situações de vida cotidiana. Elementos outrora novos e criativos tornam-se habituais, tendo em vista o uso recorrente deles em diversos contextos comunicativos, favorecendo assim o processo de *gramaticalização*.

Para finalizar, elencamos a seguir as principais características da corrente funcionalista, de acordo com Martellota (2015, p. 20):

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- A estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é contextualmente dependente e não atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável e não rígida;
- As gramáticas são emergentes;

- As regras de gramática permitem algumas exceções.

Em síntese, a corrente funcionalista concebe a linguagem como um instrumento de interação social que busca, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. Assim, a estrutura de uma língua é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações comunicativas, não havendo assim autonomia nos níveis gramaticais e discursivos, tendo em vista que é a situação real de comunicação que determina a estrutura da língua.

2.2 A Sociolinguística

Também como vertente da Linguística, a Sociolinguística foi concebida, primeiramente, como uma abordagem anexa dos fatores da língua; uma espécie de disciplina complementar, cujo principal objetivo era estudar a língua falada relacionando-a com a sociedade.

Pouco a pouco, essa *subordinação* começou a desaparecer, tendo em vista os avanços dos estudos do norte-americano William Labov (1972), famoso pela sua Teoria da Variação, que demonstrou em seus estudos que os fenômenos sociais são os verdadeiros condutores, mantenedores e propagadores dos fenômenos linguísticos que atualizam as necessidades de comunicação de dada comunidade e que, inclusive, tornam-se parâmetro para uma organização linguística que assegure ao indivíduo a construção de uma identidade cultural própria, garantindo-lhe inserção e pertencimento no seio de determinada comunidade.

Como principal inovação e em contraste com a postura linguística dominante na época, a *Sociolinguística Variacionista* de Labov (1972), doravante tratada como SV, defende que a língua apresenta variabilidade de uso, o que implica a existência de formas variantes, isto é, duas ou mais formas distintas de se dizer a mesma coisa e com o mesmo valor de verdade, assim como defende uma relação entre língua e sociedade com possibilidade de ser sistematizada a variação existente, própria da língua falada.

Bagno (2017, p. 15) destaca os principais pontos de análise da Sociolinguística Variacionista e que serviram de base para inúmeras outras teorias de mudança linguística. São eles:

- A mudança linguística não é aleatória;

- A associação entre estrutura e homogeneidade é ilusória;
- Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade;
- A mudança linguística não é uniforme nem instantânea;
- A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo;
- Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Assim, a Sociolinguística tem como objeto de estudo a variação linguística e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Entretanto, ela não deve ser vista, simplesmente, como uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas, principalmente como o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre sua estrutura linguística, num dado ato verbal.

Tal como destaca Witkowski (2013, p. 87): “Os estudos sociolinguísticos abordam a diversidade linguística a partir de uma macroanálise das variedades linguísticas ou ainda a partir de uma microanálise dessas variedades.”

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKIMIN, 2005, p. 31)

Nesse sentido, a análise sociolinguística enfoca fundamentalmente o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam influenciar a operação de uma ou de outra variante, na busca de estabelecer uma sistematização ao processo de variação linguística. “A variação assim definida implica a existência de formas variantes, que ocorrem no mesmo contexto com o mesmo significado representacional, isto é, que se referem ao mesmo estado de coisas”. (LABOV, 2008, p. 140).

Atualmente, no Brasil, existem diversos programas e/ou projetos de pesquisa que visam descrever, da forma mais fiel possível, o Português Brasileiro, tais como o Programa de Estudos sobre Uso da Língua - PEUL, que estuda o português falado no Rio de Janeiro e é o pioneiro em utilizar a metodologia laboviana no país, e o Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, projeto de caráter nacional que busca montar um atlas linguístico do Português Brasileiro. Posteriormente, e devido a variadas dificuldades, os pesquisadores do ALiB

desmembraram esse mapeamento linguístico e este passou a ser montado através de atlas regionais, representado em nosso Estado pelo Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA, já em fase de finalização.

É importante destacar que a elaboração desses corpora permitiu a descrição do português brasileiro em diferentes aspectos linguísticos e considerando distintas variedades. De algum modo, têm-se uma descrição da variação na(s) gramática(s) do português do Brasil envolvendo diferentes fenômenos e a correlação destes com variáveis sociais. (FREITAG et al, 2012, p. 921)

Além da *Sociolinguística Variacionista* de Labov, temos a *Sociolinguística Interacionista*, doravante tratada como SI, surgida em meados da década de 1970 por meio dos estudos de John Joseph Gumperz, cuja abordagem é interdisciplinar, pois mescla aspectos da Linguística, da Sociologia, da Psicologia Social, objetivando compreender o mundo social do sujeito em observação.

Existem 3 conceitos-chave na Teoria de Gumperz (2001): i) *intencionalidade*: de natureza racional que se baseia em regras e convenções sociais; ii) *interpretação*: relacionada à partilha de informações e intenções entre os falantes; e iii) *significado social*: refere-se ao sentido da comunicação atingido pelos interlocutores a partir de seus conhecimentos socioculturais internalizados.

Assim, a Sociolinguística Interacionista de Gumperz estuda todo o comportamento social revelado pela linguagem, cuja interpretação baseia-se no que o autor chamou de “pistas de contextualização” e que permitem que o pesquisador interprete os sentidos subjacentes ao enunciado.

Como representante da SI, destacamos, também, os trabalhos do sociólogo canadense Erving Goffman (1992), cujos estudos realizados a partir de observações empíricas investiga como a linguagem se situa em circunstâncias particulares da vida social e também como essa linguagem funciona na construção do significado e da estrutura dessas circunstâncias.

Para Goffman (1995), uma situação social acontece sempre que dois ou mais indivíduos se encontram na presença um do outro, sendo que essa interação social deve ser vista como parte de um todo que engloba diversos aspectos físicos, sociais e culturais próprios do ambiente verbal em que se realiza. Na abordagem interacionista desse sociólogo, os participantes não são meros emissores, mas construtores de sentidos não apenas no que

diz respeito à mensagem que está sendo passada, mas também em relação à própria imagem que quer passar de si mesmo para o outro.

Nessa perspectiva, Goffman (1995) assegura que, a partir da linguagem, pode-se analisar a imagem social que determinado sujeito em observação tem de si mesmo nos momentos de interação e a imagem que os outros, centrados no exterior, têm dele. Considerando que um sujeito interage em diferentes momentos e em diferentes ambientes, pode-se observar como a imagem desse sujeito, em cada ambiente em que atua, é constituída para si e para os outros sujeitos que assistem a ele(a). (FERNANDES, 2000, p. 98-99)

Sobre a noção de contexto e do papel do sujeito na interação social, destaca ainda Rodrigues Júnior (2005, p. 129):

Goffman (1964) esclarece que todo significado é situado, contextual, assegurando que o contexto deve ser compreendido como uma produção/criação conjunta de todos os envolvidos na interação, renovando-se e recriando-se a cada momento em que novos temas e/ou assuntos são invocados pelas necessidades interacionais dos interlocutores.

Sobre o mesmo tema, completa Witkowski (2013, p. 90):

Em outras palavras, o linguista defende que a importância não está na linguagem denotativa, informativa, mas nas interpretações compartilhadas e não compartilhadas. Nesse processo, a intenção comunicativa é a questão principal e, para acessá-la, os interlocutores devem ir além do que está aparente, e concentrar não apenas no que é dito, mas nas suposições que sustentam a negociação.

Existem alguns conceitos-chave na abordagem interacionista de Goffman no que diz respeito à imagem social construída pelo sujeito em interação, os quais valem a pena esclarecer. São eles:

- a) *enquadre*, considerado um princípio básico da interação social, é um conceito de natureza psicológica que se refere às expectativas que afetam a forma como interpretamos e categorizamos os significados nos eventos sociais;
- b) *footing*, visto como um desdobramento do *enquadre*, também chamado de *alinhamento*, representa a postura, a projeção do eu, assumida pelo interlocutor na relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção;
- c) *fachada*, seria uma “representação” feita pelo sujeito diante de um grupo de outros sujeitos sobre os quais o primeiro exerce alguma influência. O conceito de *fachada* pode ser dividido em dois: *fachada social*, quando se referir ao que é

comum a sujeitos pertencentes a um mesmo grupo específico; *fachada pessoal*, que se refere, de forma mais íntima, ao próprio sujeito e à sua posição que ocupa no grupo no qual está inserido.

Ou seja, quando determinados sujeitos se encontram em interação verbal, há um sistema de regras de procedimento e de conduta orientando e possibilitando a organização da interlocução, como se fosse um acordo estabelecido entre os indivíduos sobre o lugar, o momento e os temas abordados na interação.

Goffman (1995) enfatiza que, quando um sujeito encontra-se na presença de outros, procura incorporar em seu desempenho os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, o que implica uma reafirmação dos valores sociais legitimados pela comunidade. (FERNANDES, 2000, p. 101)

Diferentemente da *Sociolinguística Variacionista*, que trabalha com a ideia de *comunidade de fala (ou linguística)* – que vem a ser um conjunto de pessoas que interagem e compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos –, a *Sociolinguística Interacionista* trabalha com a ideia de *comunidade de prática*, ou seja, um grupo de pessoas unidas em prol de um objetivo comum e que possuem uma intenção comunicativa.

Uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se juntam para engajar-se em algum empreendimento comum. Na esteira desse engajamento, a comunidade de prática desenvolve meios para fazer coisas que se traduzem em práticas e essas práticas envolvem a construção de uma orientação compartilhada em relação ao mundo em volta – uma definição tácita que os indivíduos assumem um em relação ao outro e em relação a outras comunidades de prática. (FREITAG, 2012, p. 923)

O termo comunidade de prática surgiu em meados da década de 90, através dos estudos de Etienne Wenger e Jean Lave sobre a teoria da aprendizagem e, em síntese, pode ser esclarecido como um grupo de indivíduos que se reúnem periodicamente, por possuírem um interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido. Posteriormente, tal conceito foi “aproveitado” na Sociolinguística Interacionista e vem servindo de base para estudos de tal linha teórica.

Pode-se afirmar que as comunidades de prática são formadas por indivíduos que se envolvem em um processo de aprendizado coletivo, portanto no domínio de uma atividade humana compartilhada pela comunidade: um grupo de artistas que procuram novas formas

de expressão, um grupo de engenheiros que trabalha com problemas similares, um grupo de alunos que define a sua identidade na escola, uma rede de cirurgiões explorando novas técnicas, um encontro de gestores pela primeira vez ajudando uns aos outros a liderar.

Uma comunidade de prática pode ser constituída por pessoas trabalhando juntos em uma fábrica, habitués de um bar, companheiros de brincadeira em uma vizinhança, a família nuclear, parceiros policiais e seu etnógrafo, a Suprema Corte etc. Comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas, intensas ou difusas; elas nascem e morrem, podem sobreviver a muitas mudanças de membros e podem estar intimamente articuladas a outras comunidades. As pessoas participam de múltiplas comunidades de prática, e a identidade individual é baseada nesta participação. Em lugar de conceber o indivíduo como uma entidade à parte, pairando sobre o espaço social, ou como um ponto em uma rede, ou como membro de um conjunto específico ou de um conjunto de grupos, ou como um amontoado de características sociais, precisamos enfocar as comunidades de prática. (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010, p. 102-103).

Como já dito em nosso trabalho, optamos por utilizar o conceito de *comunidade de prática*, próprio da Sociolinguística Interacionista, que difere, porém, em grande parte do conceito de *comunidade de fala* da Sociolinguística Variacionista. Isso se deu em razão de estarmos analisando dados referentes a um grupo específico, com uma finalidade em comum, no caso, depoimentos prestados no Fórum da cidade de Governador Nunes Freire/MA.

Sendo assim, é importante ressaltar que os resultados obtidos em nossa pesquisa não podem ser vistos como representativos da comunidade linguística do município em questão, tendo em vista que nos limitamos a analisar tão somente um grupo presente dessa *comunidade de fala*.

Os informantes desta investigação constituem uma comunidade de prática pelos motivos que seguem: *moradores da cidade de Governador Nunes Freire, que não necessariamente nasceram na localidade; estão arrolados em processos judiciais; são depoentes de defesa ou de acusação indistintamente para esta pesquisa; estão envolvidas, direta ou indiretamente, em ações judiciais; estão motivados por interesses comuns próprios dos tratados nos Fóruns de uma cidade; interagem por meio de traços linguísticos que os identifica.*

Essa comunidade de prática é dinâmica e está articulada a outras comunidades de prática, fato que impossibilita de caracterizá-la como grande ou pequena. Sua identidade é baseada nesta participação.

Podemos dizer que a principal diferença entre a SV e a SI diz respeito ao interesse central de pesquisa, que por sua vez se reflete nos encaminhamentos metodológicos. Ou seja, a Sociolinguística Interacionista se interessa pela ação humana mediante o uso da linguagem e trata de examinar situadamente o que as pessoas estão fazendo umas com as outras, estando interessada em ações realizadas no uso da linguagem.

Assim como a língua, sempre em constante mudança e evolução, as teorias que a estudam vem buscando acompanhar esse ritmo e os estudos linguísticos têm evoluído juntamente com seu objeto de estudo.

Três vertentes da Sociolinguística se fazem presentes nos estudos do português brasileiro, são elas: a *Sociolinguística Variacionista*, a *Sociolinguística Interacionista* e a *Sociolinguística Educacional*, sendo que, como já foi dito anteriormente, a Sociolinguística Variacionista ainda é a mais utilizada pelos pesquisadores da área. Entretanto, essas mesmas vertentes, como todo saber científico, estão sempre sendo avaliadas e reavaliadas, de modo que acompanhem as necessidades e evoluções não só da língua, mas também da sociedade em questão.

Penelope Eckert (2012), doutora em Linguística e estudiosa da Sociolinguística Variacionista, desenvolveu uma tipologia da Sociolinguística em ondas que, segundo a autora, não se sucedem e/ou substituem, mas apenas correspondem à maneira característica com que esses modelos lidam com a variação linguística ao longo de décadas de estudo.

Tal como destaca Freitag et al. (2014, p. 263) as ondas de Eckert devem ser “entendidas como tendências de estudos, que não se suplantam, nem que são sucessivas temporalmente, mas que mostram a gradação entre o social e o linguístico da Sociolinguística”.

De acordo com Eckert (2012), as três ondas da Sociolinguística estão divididas da seguinte forma:

- A 1ª onda busca estabelecer correlações entre categorias sociais e variáveis linguísticas. São estudos realizados em comunidades de fala associados a um perfil sociodemográfico específico e de natureza quantitativa; a metodologia relaciona as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas (como faixa etária, sexo, escolaridade, etc);
- A 2ª onda, também de natureza quantitativa e realizada em comunidades de fala, utiliza métodos etnográficos, com coleta de dados por período de tempo mais

longo com o objetivo de descobrir as categorias sociais mais salientes da referida comunidade;

Segundo FREITAG (2014, p. 264), os estudos de 1ª e 2ª ondas “partem da premissa de que as variáveis linguísticas carregam status social dos seus falantes; assim, o foco do estudo é a descrição da estrutura”.

- Os estudos de 3ª onda utilizam a metodologia da Sociolinguística Interacional, com a noção de comunidade de prática, uma metodologia mais qualitativa e com foco nos papéis sociopessoais.

A noção de comunidade de prática, postulada por Eckert (2000), representa outro avanço que a sociolinguística operou para retomar, de certo modo, a dimensão social, funcionalmente forte na origem, cujo grau de importância foi reduzido, embora não eliminado, pela tendência variacionista. Esse conceito propõe, em primeiro lugar, uma revisão da noção de comunidade linguística e, em segundo lugar, da noção de comunidade social. (CAMACHO, 2013, p. 255)

Sobre os estudos de 3ª onda, destaca Freitag et al. (2014, p. 264):

Observamos, então, nos estudos de 3ª onda uma mudança do foco: da estrutura para a prática, com a retomada do estilo. Estudos deste tipo são aqueles cujo foco reside na prática, aos valores associados à construção da persona, dos papéis sociopessoais do falante naquele contexto específico, naquela comunidade de prática. E esta é outra mudança metodológica requerida pela 3ª onda de estudos sociolinguísticos: a unidade de análise passa de comunidades de fala para comunidades de prática.

Vale ressaltar, que as “ondas” de Eckert apresentam os novos rumos da Sociolinguística, porém não significa que tais estudos sejam suplementares, ou seja, um não está suplantando o outro. Pelo contrário, são considerados complementares e subsidiários.

Assim, podemos concluir que a Sociolinguística é uma teoria que vê a língua como fato social dinâmico, cuja variação é explicada pela mudança social e por forças externas, mas também se ocupa com outras questões como variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras.

2.3 O Sociofuncionalismo

Como pudemos perceber, o Funcionalismo e a Sociolinguística possuem algumas características em comum, fazendo com que pesquisadores buscassem articular essas duas

teorias na análise de fenômenos de variação e mudança. No Brasil, o Programa de Estudos sobre Uso da Língua - PEUL, já citado, foi pioneiro, também, em conciliar propostas de diferentes linhas, tal como o funcionalismo aliado a uma orientação variacionista dominante. A essa vertente, surgida por volta do final da década de 80, deu-se o nome de **Sociofuncionalismo**.

Essa nova abordagem linguística tenta unir os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano, embora existam entre as duas teorias pontos divergentes. Apresentaremos a seguir os principais postulados dessa nova abordagem, defendidos tanto por teóricos funcionalistas quanto por teóricos variacionistas, de acordo com Tavares (2013, p. 33-34):

- Prioridade atribuída à língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e mudança;
- A língua não é estática. Ao contrário, sofre alterações constantes;
- O fenômeno da mudança linguística recebe um lugar de destaque e é entendido como um processo contínuo e gradual;
- Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis;
- Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual, as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são, em princípio, as mesmas que atuaram em épocas passadas;
- A frequência das ocorrências recebe destaque;
- Há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua;
- Fatores de natureza interacional têm papel importante na variação e na mudança linguística;
- A gramaticalização, processo de mudança responsável pela migração de formas linguísticas para a gramática².

A metodologia aplicada nessa nova abordagem pode ser descrita da seguinte forma:
definição do fenômeno gramatical e análise do seu percurso de gramaticalização; testagem

² Nesse sentido, entende-se gramática como o conjunto de regularidades da língua, decorrentes de pressões cognitivas e de uso.

de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais) que influenciam a escolha de uma variante em detrimento de outra; e interpretação dos padrões de variação como indícios de gramaticalização.

Numa perspectiva sociofuncionalista, os resultados quantitativos e qualitativos obtidos são explicados através de princípios e motivações de natureza cognitivo-comunicativa – cuja fonte principal é o funcionalismo norte-americano ou linguística baseada no uso, além de princípios e motivações de natureza sociocultural e estilística – cuja fonte principal é a sociolinguística variacionista. (TAVARES, 2013, p. 38).

Por se tratar de uma abordagem relativamente nova, muito ainda precisa ser refletido e estudado a respeito da associação entre o Funcionalismo e a Sociolinguística. Entretanto, percebemos que essa é uma perspectiva que, cada vez mais, vem ganhando adeptos nos estudos de variação e mudança, tendo em vista que oferece um conjunto de princípios para a construção de um aparato teórico-metodológico consistente.

3 PANORAMA HISTÓRICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

3.1 Língua Portuguesa: raízes do português falado no Brasil

A língua portuguesa faz parte da família das *línguas românicas*³, aqui compreendidas como uma família de línguas resultantes das transformações sofridas pelo latim nas diferentes regiões conquistadas pelo romanos – assim como o francês, o italiano e o espanhol – e que começou a tomar forma por volta do século XVI, com destaque para o surgimento das primeiras gramáticas de Língua Portuguesa: *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536) e *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros (1540).

O latim que deu origem à língua que conhecemos como língua portuguesa é o chamado *latim vulgar*, diferente do latim eclesiástico e acadêmico, chamado *latim clássico*, restrito a apenas uma parcela da população e baseado na língua literária.

O *latim vulgar*, por sua vez, era a língua do povo. Falado pelos colonizadores romanos – soldados, colonos, etc. – que se estabeleciam nas regiões conquistadas que falavam diversas variedades regionais, e que, ao longo das gerações, foi ganhando espaço e se misturando com as línguas das terras conquistadas, originando, assim, as línguas românicas. Porém, conforme destaca Perini (2016, p. 64):

É preciso notar, finalmente, que o latim vulgar não era apenas a língua das classes populares – mesmo os aristocratas o falavam, como língua cotidiana. Falar latim clássico era coisa que ninguém fazia, a não ser talvez em discursos no Senado; mas o latim clássico era a única língua escrita aceitável.

Assim, a Língua Portuguesa – e suas variações – começou a se expandir pelo mundo através das grandes navegações empreendidas pelos portugueses e chegou ao Brasil por volta do ano de 1500 com os primeiros colonos, que formavam pequenos núcleos urbanos, visando ao povoamento das terras tupiniquins. Foram enviados ao Brasil portugueses advindos de várias regiões de Portugal, em sua maioria condenados e excomungados, que vieram para terras brasileiras como forma de punição.

Segundo Scherre (2007), somente a partir do século XVIII a língua portuguesa começa a se espalhar entre a população do Brasil e ganhar forças até o seu predomínio

³ Consideramos como ponto de partida para nosso percurso histórico, as línguas românicas. Porém, para uma descrição histórica mais completa das línguas naturais, ver Castilho (2016).

maciço. Muito em virtude da política linguística do Marquês de Pombal (1754), que proibiu o uso da *língua geral* e instituiu a língua portuguesa como língua oficial.

A *língua geral*, de origem tupi, era utilizada pelas diversas etnias que aqui se encontravam – índios, europeus e africanos – para se comunicar, sendo as mais importantes a *Geral Paulista* (falada ao sul do país) e a *Geral Amazônica* (falada ao norte do país).

De acordo com Castilho (2016), estima-se que havia cerca de 1200 línguas indígenas no Brasil entre os séculos XVI e XVII, que corresponde à chegada dos portugueses em terras brasileiras. Acredita-se que, ao final do século XX, restaram menos de 200 línguas. A redução das línguas indígenas está diretamente ligada à redução da população indígena que, por sua vez sofreu um processo colonizador violento, bem como sucumbiu às inúmeras doenças trazidas pelo homem branco, contra as quais os índios não possuíam defesa.

Outro fator que contribuiu para a redução das línguas indígenas e consequente expansão da língua portuguesa foram os missionários jesuítas, tendo em vista seu trabalho de catequização dos índios.

Atualmente, a língua portuguesa é considerada oficial em nove países: Brasil, Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial, segundo dados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP. Entretanto, “a condição de língua materna hegemônica, além de língua oficial do Estado, só existe no português brasileiro e no português europeu”. (BAGNO, 2012, p. 210)

Em outras palavras, o caráter oficial não garante ao português a soberania linguística entre a população dos demais países da Comunidade. Em Moçambique, por exemplo, o português é falado por menos da metade da população, onde prevalecem as línguas locais e os *crioulos*⁴, o que também ocorria no período colonial, já que o *status* que a língua portuguesa possuía na época era devido à importância dos colonizadores e não à sua exclusividade ou maior autonomia entre os habitantes do Brasil.

A importância internacional do português crescerá na mesma velocidade em que o Brasil, Portugal e a África portuguesa se tornarem importantes entre as nações do planeta. Por sua dimensão territorial e populacional, o futuro da língua portuguesa repousa no dinamismo da nação brasileira. (CASTILHO, 2016, p. 194)

⁴ Adotamos, neste trabalho, o conceito de *crioullo* como o segundo estágio do *pidgin*, quando este se torna a língua nativa de uma comunidade, ou seja, quando passa a apresentar normas gramaticais estáveis.

Porém, outro ponto a ser considerado sobre a língua portuguesa nos diversos países que a utilizam como língua oficial é que a linguagem escrita é bastante uniforme, o que não costuma ocorrer com a língua falada, mais propensa à mudança e à variação.

Em toda essa vasta área a língua padrão escrita é bastante uniforme. As diferenças de ortografia e de estrutura gramatical são relativamente pequenas, pessoas educadas do Brasil leem sem dificuldade jornais e livros de Portugal, e vice-versa. (PERINI, 2016, p. 65)

O autor ainda destaca:

A fala dos africanos escolarizados segue bastante de perto o padrão de Portugal. Mas no Brasil, onde toda a população fala português, e geralmente só português, a língua vem evoluindo separadamente há quase cinco séculos, sofrendo a influência de línguas indígenas, africanas e das grandes comunidades de imigrantes. O resultado é uma língua marcadamente diferente da variedade europeia, embora em geral não tão diferente a ponto de impedir a comunicação. (PERINI, 2016, p. 65)

Assim, veremos a seguir como as mudanças sofridas pela língua portuguesa nos últimos séculos contribuíram para a formação do que chamamos Português Brasileiro.

3.2 O Português Brasileiro

Já em território brasileiro, a língua portuguesa passa a ter contato com as diversas línguas indígenas aqui existentes e, posteriormente, com as línguas africanas, passando assim a se distanciar do português europeu de sua origem e a se moldar como o português brasileiro que atualmente conhecemos.

Sobre isso, destaca Castilho (2016, p. 180):

O PB foi mais extensivamente exposto à influência das línguas africanas, pois de 1538 a 1855 foram trazidos cerca de 18 milhões de escravos negros, sujeitos a um contato mais intenso com a escassa população branca, em contraposição aos 6 milhões de indígenas.

Ainda sobre o processo de expansão do português no território brasileiro, destaca Ilari (2014, p. 51):

Embora esse processo tenha sido realizado em nome de Portugal, seus agentes não foram portugueses típicos. Nos movimentos de expansão territorial, e nos grandes ciclos econômicos que os motivaram, sempre foi preponderante a presença de

índios, negros e mestiços, falantes de uma língua que não poderia ser o português lusitano, mas somente um português marcado por fortíssimas interferências das línguas indígenas e africanas.

Além das línguas indígenas e das africanas, não podemos nos esquecer das línguas dos imigrantes europeus – em sua maioria italianos, espanhóis e alemães – que, na segunda metade do século XIX, vieram ao Brasil fugindo da fome e do desemprego que estavam assolando a Europa naquele período.

De acordo com Ilari (2014), as influências das línguas dos imigrantes podem ser melhor percebidas no âmbito lexical que no âmbito morfológico e sintático, já que, quando elas chegaram aqui, o português brasileiro já possuía determinado padrão gramatical.

O principal efeito que resultou, para o PB, da convivência com as línguas dos imigrantes europeus e asiáticos explica-se talvez pela grande capacidade que o Brasil tem mostrado no sentido de conviver com outras culturas, enriquecendo-se com elas. Por cultura, não entendemos aqui, a ciência ou a literatura, mas a cultura material ligada ao dia a dia, ao trabalho, às festas familiares, às formas de lazer. (ILARI, 2014, p. 81)

Por tudo isso, e pela natural evolução da língua, muitos estudiosos defendem que o português que falamos hoje, em terras brasileiras, já não pode mais ser considerado como *língua portuguesa*. Dentre esses estudiosos, Bagno (2001) e Castilho (2016) destacam que:

(...) entre o final do século XIX e o começo do XX, teve muita discussão a respeito da existência ou não de uma “língua brasileira”. O que demonstra que há séculos atrás, já percebíamos os caminhos diferentes que a língua portuguesa e o português brasileiro estavam tomando. (BAGNO, 2001, p. 174)

De uma direção interpretativa sobre o PB fundamentada numa percepção biológica da língua, migramos para uma percepção social da língua: a língua é o que nós somos. Ora, a nação brasileira é bastante mestiça, e isso deveria explicar nossas diferenças em relação a Portugal. (CASTILHO, 2016. p. 186)

Bagno destaca ainda que muito da discussão sobre o português brasileiro naquele período era fruto de um forte sentimento nacionalista, que buscava a sua identidade nacional como povo brasileiro. Entretanto, com o advento da Linguística, “a luta pelo reconhecimento da existência de uma língua caracteristicamente brasileira se apóia em outras bases, que são bases científicas consistentes e derivadas de pesquisas que recolhem e analisam a língua viva”. (BAGNO, 2001, p. 175).

A situação linguística do Brasil dá origem a debates periódicos sobre se o português e o brasileiro são línguas separadas. No entanto, essa controvérsia não

costuma passar além dos círculos acadêmicos, e a maior parte das autoridades, assim como os leigos preferem acreditar que se trata de uma só língua, embora em duas variedades, ou dois dialetos, distintos. (PERINI, 2016, p. 66)

Vale salientar que, apesar de o português brasileiro ter se originado do português falado em Portugal e ambos possuírem uma base morfológica e lexical semelhantes, eles não *devem* ser vistos como uma *só língua*, tendo em vista todos os aspectos históricos e culturais de cada país. Pensar no português europeu e no português brasileiro como um só é negar e desconsiderar todas as múltiplas variantes regionais, sociais, etárias, etc., que envolvem a língua e seu caráter dinâmico.

3.3 O Português Brasileiro em Governador Nunes Freire

Em um país com dimensões continentais como o Brasil e com um processo de formação tão diversificado como acabamos de ver, imaginar que a língua falada em nosso território é única e homogênea acaba sendo algo utópico.

Da mesma forma como a língua portuguesa, originada das línguas românicas, foi se modificando ao longo dos séculos até chegar ao Brasil, o português brasileiro, tal qual o conhecemos, também possui suas variáveis e suas peculiaridades ao longo de todo seu território.

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas. (CASTILHO, 2016, p. 198)

Em outras palavras, o português brasileiro falado na região sul do país – apesar de respeitar as bases morfológicas e sintáticas do nosso idioma –, se considerarmos o aspecto lexical e fonético-fonológico, pode ser considerado diferente do português falado na região nordeste. Isso se dá pelas diferenças socioculturais que envolvem cada região e que, naturalmente, se refletem na língua.

O PB é bastante uniforme em toda a extensão do Brasil, e não há em geral dificuldade de compreensão entre brasileiros das diversas regiões. Mas isso não quer dizer que não haja diferenças – apenas, elas são de ordem lexical (mandioca/aipim/macaxeira), ou afetam fenômenos gramaticais restritos. (PERINI, 2016, p. 68)

Assim, o português brasileiro ao qual nos referimos ao longo de nossa pesquisa é o português da cidade de Governador Nunes Freire, um município do Estado do Maranhão, localizado na região nordeste do país. Naturalmente, o português nunes-freirense respeita todas as regras morfológicas e sintáticas de nossa língua e é facilmente identificado como português brasileiro em todo o território nacional, porém possui características peculiares, típicas de sua região e das influências sofridas pela língua nessa localidade.

Assim, devemos ter em mente que a análise feita sobre o fenômeno do tópico em nossa pesquisa diz respeito ao português falado na cidade de Governador Nunes Freire e, mais especificamente, a uma determinada comunidade de prática, como veremos mais à frente, não devendo ser visto como um todo na língua, mas como um recorte do português brasileiro. É esta a visão que situa esta pesquisa sob a natureza teórico-sociofuncionalista.

4 AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO

Nas últimas décadas, uma variação, em especial, vem sendo observada na estrutura sintática do Português Brasileiro: as *Construções de Tópico*. Apesar de não ser considerada uma variante estigmatizada – ao contrário, por exemplo, de variações de concordância ou uso do pronome *mim* como sujeito de infinitivo – as *Construções de Tópico* ainda são vistas como um *vício de linguagem* por muitos gramáticos, tal como Bechara (2006), pois afeta diretamente a estrutura sintática do idioma, *convencionalmente estabelecida*, qual seja, a estrutura Sujeito + Predicado, o que faz com que a estrutura Tópico + Comentário seja bem menos frequente na linguagem escrita que na linguagem oral, por ser não linear.

Na gramática tradicional, esse tipo de construção era visto como um desvio na ordem sintática e costumava aparecer como *figura de linguagem* sob o título de *anacoluto*. Como se fosse uma frase quebrada, ou seja, uma frase cuja estrutura sintática é interrompida, sendo continuada de uma forma alternativa, deixando solto o termo inicial da oração, característicos da linguagem falada, caracterizada por uma maior liberdade e espontaneidade, havendo mais lugar a mudanças de pensamento e interrupções bruscas do discurso. Atualmente, com os avanços dos estudos linguísticos, esse tipo de construção passou a ganhar mais destaque, sendo rotulada como *tópico*.

Em um primeiro momento, apresentaremos alguns conceitos sobre o *Tópico* apresentado por diferentes autores. Em seguida, nos aprofundaremos nas ideias de Mário Perini sobre o tema, já que este foi o autor escolhido por nós para fundamentarmos nosso trabalho.

4.1 O que é o Tópico?

Li e Thompson (1976) propõem uma nova terminologia para as línguas, de acordo com as relações de tópico-comentário ou de sujeito-predicado. De acordo com essa terminologia, seriam quatro os tipos de língua:

- i) Línguas com proeminência de sujeito: onde há predominância na estrutura das sentenças de construções do tipo sujeito-predicado;
- ii) Línguas com proeminência de tópico: onde há predominância na estrutura das sentenças de construções do tipo tópico-comentário;

- iii) Línguas com proeminência de tópico e sujeito: onde há os dois tipos de construção;
- iv) Línguas sem proeminência de tópico ou sujeito: onde o sujeito e o tópico se mesclaram e não é mais possível distinguir os dois tipos de construção.

Para os autores, o tópico é sempre definido, pois pode ser identificado referencialmente na sentença e sempre incidirá sobre o comentário⁵. Assim, a diferença entre as línguas de sujeito-proeminente e tópico-proeminente torna-se visível diante da organização estrutural das sentenças.

Entretanto, definir de que tipo é uma língua não é uma tarefa fácil, tendo em vista que “a gramática tradicional e mesmo a linguística têm partido do pressuposto de que sujeito-predicado é uma construção universal e por isso têm descrito as diferentes línguas sempre do mesmo modo”. (PONTES, 1987, p. 11)

Para Pontes (1987), pioneira sobre o estudo do tópico no Brasil, o português brasileiro seria uma língua do terceiro tipo, qual seja, com proeminência de tópico e sujeito. Entretanto, não pretendemos aqui entrar nessa discussão, tendo em vista não ser esse o foco do nosso trabalho e por acreditarmos ainda serem insuficientes os dados para atestar de forma contundente tal afirmação.

Assim destaca Silva (2011, p. 33-34):

É bom salientar que quando uma língua tem proeminência de tópico isso não implica dizer que nela não haverá construções com sujeito-predicado; de igual modo, quando em uma dada língua há sujeito proeminente, nada impede que se encontrem, também, sentenças com tópico-comentário, conforme postulam Li e Thompson (1976).

Assim, nos limitamos a esclarecer quais os tipos de *Construções de Tópico* mais frequentes na literatura e como ela será trabalhada em nossa pesquisa.

4.1.1 O Tópico em Pontes

Com base nos estudos de Li e Thompson, a pesquisadora Eunice Pontes (1987) iniciou um trabalho de pesquisa sobre o tópico, no intuito de identificar, segundo os critérios

⁵ Comentário, para fins de nossa pesquisa, é como denominamos a sentença que segue o elemento topicalizado.

das referidas autoras, em qual tipo de língua o Português Brasileiro se encaixaria, dando início assim a uma série de pesquisas sobre esse tipo de construção aqui no Brasil.

Em Pontes (1987) – que é uma coletânea de trabalhos desenvolvidos por ela entre os anos de 1980 a 1982 –, a autora analisa quatro tipos gerais de construções: anacolutos (Anac), deslocamentos à esquerda (DE), topicalizações (Top) e tópicos-sujeitos (Tsuj). Com destaque para as construções do tipo *Topicalização*, que consiste em um processo que seleciona um constituinte da frase destacando-o à frente como tópico, sendo o restante o comentário; e o *Deslocamento para a Esquerda* que, por sua vez, difere da *topicalização* em razão do fato de naquele haver um pronome-cópia e neste não. Compare:

1) *O bolo eu não gostei.*

2) *O bolo, eu não gostei dele.*

Em 1) há uma *topicalização* do objeto indireto; ao passo que em 2) há um *deslocamento para a esquerda*, haja vista a presença do pronome-cópia “dele” que, além de repetir, “copiar” o constituinte destacado, atenta para as normas de regência verbal.

Outras diferenças são levantadas pela autora, como a questão da *pausa*. Segundo ela, em *topicalização*, normalmente, não há pausa entre o que foi topicalizado e o resto da sentença. Porém, em construções em que haja *deslocamento para a esquerda*, é comum que pausas sejam acrescentadas à sentença. Isso se dá, segundo a autora, por causa da presença do pronome-cópia.

Vale ressaltar a importância do trabalho da autora sobre o *tópico*, tendo em vista não apenas o seu pioneirismo no Brasil, mas também a ousadia “em trazer à tona dados ‘não higienizados’, ‘brutos’, quando a tradição dos estudos gramaticais privilegia as sentenças ‘bem formadas’, canônicas, com SVO como modelo de bom uso da língua”. (SILVA, 2011, p. 57).

A autora defende, também, a necessidade de ultrapassar os limites da análise sintática para interpretação do tópico, alegando que a gramática tradicional não consegue abarcar, em suas proposições, soluções viáveis para questões como o *pronome-cópia* e a *topicalização*, como veremos no próximo capítulo.

4.1.2 O Tópico em Bagno

Em estudos mais recentes, o linguista Marcos Bagno (2012) também aborda a questão das *Construções de Tópico* e destaca a importância desse tipo de construção que vai de encontro com a ordem direta, não-marcada do Português Brasileiro. O autor apresenta dois exemplos como ilustração.

- 3) O Alfredo adora o Recife. (ordem direta)
- 4) *O Recife* o Alfredo adora. (elemento topicalizado)

No exemplo 3) temos a ordem “neutra”, onde não há ênfase⁶ em nenhum dos elementos constituintes da sentença. Já no exemplo 4), houve uma mudança na disposição dos elementos, gerando, assim, uma *marcação* do elemento que sofreu tal deslocamento.

Quando um constituinte da sentença sofre esse deslocamento à esquerda, dizemos que ele foi **topicalizado**, isto é, transformou-se no **tópico** (no tema, no assunto) para o qual o falante quer chamar a atenção, que o falante quer enfatizar, pôr em destaque. {grifo do autor} (BAGNO, 2012, p. 472)

Diferentemente da nomenclatura utilizada por Pontes, que classificaria o citado exemplo como *topicalização*, Bagno nomeará a construção citada como *deslocamento à esquerda*. Isso ocorre porque o autor compreende todas as construções de tópico como topicalização. A diferença entre elas seria a estratégia utilizada para a construção do referido processo linguístico, como podemos perceber nos exemplos a seguir apresentados pelo mesmo autor.

- Ausência de preenchimento do verbo pelo objeto.
- 5) *Esse computador* eu comprei ontem. (objeto direto)
- Diversos constituintes podem ser deslocados, além do objeto direto.

⁶ Uma das características do tópico é destacar aquilo que se quer enfatizar no ato de comunicação. Essa “ênfase” ou “marcação” pode ser vislumbrada através da posição do tópico nesse tipo de construção, que é sempre à esquerda da sentença.

6) *Todo santo dia* a Lurdes tem vindo aqui em casa. (adjunto adverbial)

7) *Para a Eunice* você já telefonou? (objeto indireto)

- Apagamento da preposição quando seu subsequente sofre deslocamento para a esquerda.

8) – Não gosta de drama?

– Não, *drama* já basta a vida.

Outro ponto levantado pelo autor é a questão do apagamento do *pronome-cópia* nas construções de tópico como sendo uma característica do Português Brasileiro, não ocorrendo em outros idiomas como o inglês e o francês.

9) *Esse computador* eu comprei ontem.

Cetordinateur, je l'ai acheté hier.

This computer, I bought **it** yesterday.

Concordamos com Santana (2016, p. 351), quando este afirma que o autor “apresenta uma proposta mais sociolinguística, dialogando com estudos do texto, da conversação, do discurso, da enunciação, da variação linguística e da gramática funcionalista”.

4.1.3 O Tópico em Perini

Mário Perini (2006) – professor e estudioso do Português Brasileiro –, em sua obra *Princípios da linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*, dedica dois capítulos para abordar o tema. Para o autor, o *tópico* “Trata-se, antes de uma função comunicativa, cujo conteúdo aproximado é “aquilo sobre o qual se fala”; essa função comunicativa se expressa formalmente através da colocação do elemento no início do período”. (PERINI, 2006, p. 190)

Assim, no primeiro capítulo, denominado **Construções de Tópico**, o autor trabalha o conceito de *Tópico Sentencial*, que “é o termo da frase do qual se afirma (ou pergunta) alguma coisa” (PERINI, 2006, p. 193), conforme o exemplo a seguir:

10) *Café* eu só tomo de manhã cedo.

O autor explica que o sintagma *café* pode ser analisado como objeto direto do verbo *tomar*. Entretanto, “é qualquer coisa mais; a essa coisa mais chamamos **tópico sentencial** (e o restante do enunciado vai se chamar **comentário**)”. (PERINI, 2006, p. 190) Já no exemplo:

11) Eu só tomo café de manhã cedo.

O autor destaca que embora possuam os mesmos elementos sintáticos, *10* e *11* não podem ser considerados sinônimos, já que semanticamente há uma diferença: em *10* existe uma declaração a respeito do café, enquanto que em *11* existe uma declaração mais neutra – ou seja, onde não há destaque nem marcação de nenhum dos elementos –, podendo ser inclusive uma declaração a respeito do próprio falante.

Nesse mesmo capítulo, o autor busca diferenciar os termos *tópico sentencial*, *sujeito* e *agente*. Como demonstrado antes é ao *tópico sentencial* que se aplica a definição de “o termo do qual se afirma alguma coisa” e não ao *sujeito*, como costuma ser difundido pela gramática tradicional.

Para o autor, “o **sujeito** é uma função formal (sintática), definida em termos de sua posição na sequência e, secundariamente, pela concordância do verbo com ele” (PERINI, 2006, p. 192). Já o **agente** seria um papel temático, o elemento que pratica uma ação.

Assim, “embora a topicalização nunca afete o papel temático do termo em questão, ela afeta seu valor no discurso, distinguindo um termo tomado como “assunto” principal da frase dos outros termos que são secundários desse ponto de vista”. (PERINI, 2006, p. 194)

Já no segundo capítulo, dedicado às Construções de Tópico, denominado **Tópico Discursivo**, o autor apresenta “uma outra maneira de marcar o tópico, e essa simplesmente não cabe na análise sintática, porque o termo em questão não encontra lugar na estrutura da sentença tal como tradicionalmente se entende” (PERINI, 2006, p. 195)

A essa outra maneira, tal qual indica o título do referido capítulo, o autor denominou *Tópico Discursivo (TD)* que, por sua vez, ocorre quando não é possível atribuir uma função sintática ao termo topicalizado. Vejamos o exemplo apresentado:

11) *Essa escola* eu trabalhei lá mais de um ano.

O termo topicalizado (*Essa escola*) na frase acima não pode ser “encaixado” dentro da análise sintática, tendo em vista que é seguido de uma oração completa (*eu trabalhei lá mais de um ano*).

O TD segundo o autor não deve ser analisado de forma descontextualizada.

A linguagem falada recorre muito a elementos do contexto, justamente porque se realiza com o receptor e o emissor presentes, em geral sabendo um do outro. Isso facilita a expressão, pois já não é necessário explicitar um mundo de coisas que na escrita precisam ser expressas. (PERINI, 2006, p. 198).

O autor destaca ainda que o *tópico* auxilia na interpretação do comentário, limitando as possibilidades de interpretação por parte do interlocutor.

Depende em grande medida dos conhecimentos, expectativas e crenças que o emissor e o receptor têm em comum, somando as inferências lógicas e simples bom senso. Para isso, o papel do tópico discursivo é crucial, porque limita as possibilidades, facilitando a interpretação do restante do comentário. (PERINI, 2006, p. 198)

Percebemos, assim, que esse tipo de construções de tópico, qual seja o TD, extrapola os limites da gramática tradicional, tendo em vista que a GT não consegue abarcar com seus conceitos as construções dessa categoria.

Já na obra *Gramática descritiva do português brasileiro* (2016), percebemos que Perini se aprofundou nas relações sintáticas que o Tópico apresenta. Logo no início, o autor traz a definição do que seria o **tópico**. “É um elemento da sentença cuja função é delimitar o assunto principal do enunciado. Ele pode ter, ao mesmo tempo, uma das funções sintáticas tradicionais (objeto, sujeito etc.), mas, como veremos, isso não é necessário. (PERINI, 2016, p. 485)

Em seguida, em se tratando dessa publicação, (PERINI, 2016), o autor destaca ainda outras construções de **tópico de caráter sintático**: *de deslocamento à esquerda, a passiva e as clivadas*.

- De deslocamento à esquerda⁷: caracteriza-se pelo posicionamento de um dos termos no início do período; esse termo é interpretado como tópico e está sujeito às exigências valenciais do verbos.⁸

10) *Essa cerveja* ninguém vai beber.

- Passiva: quando uma das funções da construção é marcar o paciente⁹ como tópico.

11) *A Dona Eulália* foi homenageada pelos membros do clube.

- Clivadas: são formadas com o auxílio do verbo *ser* mais um pronome relativo *que* ou *quem*.

13) *Foi a diretora que* mandou trancar a porta.

Finalizada a questão do tópico sintático, o autor passa a tratar do **Tópico Discursivo**, cujo conceito é similar ao da obra de 2006 e, por isso, optamos por apresentar alguns exemplos citados pelo autor.

11) *O médico*, a gente vai telefonar para ele agora mesmo.

12) *A Beatriz*, ela viajou de novo para Europa.

A definição de *Tópico Discursivo* de Perini (2006), no entanto, sofre algumas críticas por parte de outros autores que alegam que tal conceito pode ser confundido com aquele relacionado à linguística textual que trata da organização textual-interativa. Por isso, é oportuno destacar, mais uma vez, que, para o autor, construções do tipo *Tópico Discursivo* são todas aquelas que não exercem função sintática no comentário.

⁷ A nomenclatura utilizada pelo autor para esse tipo de construção se assemelha àquela utilizada por Bagno (2012), como mostramos anteriormente.

⁸ Entendemos como valência verbal a capacidade do verbo de admitir facultativa ou obrigatoriamente uma quantidade de complementos oracionais para formar construções completas. A valência difere da transitividade verbal, pois trata de quantas possibilidades se pode fazer e não quantos termos se tem.

⁹ O Termo paciente aqui refere-se ao sujeito da Voz Passiva que está sofrendo a ação.

Percebemos ao longo deste capítulo, que as definições a respeito das Construções de Tópico podem variar de autor para autor, porém, todos são unânimes em destacar a importância desse tipo de construção dentro do Português Brasileiro e a ocorrência cada vez mais frequente entre os falantes do PB.

Para fins de nossa pesquisa, trabalhamos somente com os conceitos de **Tópico Sentencial** e de **Tópico Discursivo** de Perini (2006), buscando verificar quais das construções são mais frequentes na comunidade de prática investigada, de acordo com os grupos sociais estabelecidos em nossa investigação.

Tal recorte se deu por tais conceitos serem mais genéricos sob o ponto de vista da Sintaxe, já que consideramos como *Tópico Sentencial*, todas as construções possíveis de serem analisadas sintaticamente e como *Tópico Discurso*, aquelas que não são possíveis de serem analisadas sintaticamente.

Pudemos observar que o conceito de Tópico varia de acordo com o autor, porém, todos destacam a importância que tal fenômeno possui e a necessidade de explorar mais o tema. Assim, para efeito de ilustração e melhor compreensão, elaboramos um quadro comparativo com os conceitos e classificações dos citados autores, utilizando os mesmos exemplos, retirados de nossos dados, para todos eles.

AUTOR	CONCEITO	EXEMPLO/CLASSIFICAÇÃO
PONTES (1987)	<i>Topicalização</i> - processo que seleciona um constituinte da frase destacando-o à frente como tópico, sendo o restante o comentário; <i>Deslocamento para a Esquerda</i> - difere da <i>topicalização</i> em razão do fato de naquele haver um pronome-cópia e neste não.	- <i>O Bruno</i> , eu já vi. - (Top.) - <i>O Cará</i> , ele que tava me segurando com a faca no meu pescoço. - (DE)
BAGNO (2012)	<i>Topicalização</i> - termo utilizado pelo autor para todas as construções de tópico. A diferença entre elas seria a estratégia utilizada para a construção do referido processo linguístico.	- <i>O Bruno</i> , eu já vi. - (Top. por ausência de preenchimento do verbo pelo objeto) - <i>O Cará</i> , ele que tava me segurando com a faca no meu pescoço. - (Top. com retomada do tópico pelo pronome sujeito)
PERINI (2006)	<i>Tópico Sentencial</i> - o termo do qual se afirma alguma coisa; pode ser analisado sintaticamente;	- <i>O Bruno</i> , eu já vi. - (TS)

	<i>Tópico Discursivo</i> - quando não é possível atribuir uma função sintática ao termo topicalizado	- <i>O Cará</i> , ele que tava me segurando com a faca no meu pescoço. - (TD)
--	--	---

4.2 O tópico e suas relações sintáticas

Os estudos linguísticos, em sua essência, buscam entender como as pessoas usam a língua e qual a relação estabelecida entre o seu uso e os variados contextos sociais e cognitivos em que eles ocorrem. Nessa perspectiva, esse novo olhar sobre a língua vai de encontro aos tradicionais postulados normativistas, que pouco mostram a realidade das variedades linguísticas do Brasil e a evolução do português falado por aqui.

De acordo com Bechara (2006, p. 23), “a sintaxe se ocupa do estudo dos padrões estruturais vigentes em determinada língua, motivados pelas relações recíprocas dos termos na oração e das orações no discurso”.

Assim, seguindo a linha da Gramática Tradicional (GT), podemos pensar a *sintaxe* como o modo que as palavras são organizadas para compor as sentenças, sendo essa descrição organizada, sob a forma de regras.

Ao observarmos atentamente a língua que falamos, percebemos que a organização sugerida/imposta pela Gramática Tradicional não se faz presente de forma *exclusiva* na fala de muitos brasileiros, ou seja, outros tipos de organizações são encontradas, gerando assim, inúmeros questionamentos sobre essa rigidez gramatical.

Como se sabe, essas gramáticas exibem, em seu conteúdo, regras que não se depreenderam da língua portuguesa falada e muito menos da escrita não-literária, mas foram sistematizadas a partir da utilização que da língua escrita fizeram autores clássicos, em grande parte atuantes em épocas anteriores ao século XX. (VASCO, 2006, p. 25)

Grande parte da descrição de uma língua consiste de regras. Mas o que se entende por “regra” em linguística não é a mesma coisa que se aprende na escola, aquelas regras que dizem como se deve e como não se deve falar ou escrever. Um linguista não se preocupa com a maneira como as pessoas deveriam usar a língua: o objetivo do linguista é descrever a maneira como as pessoas realmente usam a língua, sem fazer julgamentos do que é certo ou errado. (PERINI, 2006, p.71)

A Sintaxe passou a ser vista como disciplina independente por volta do final do século XIX, com as pesquisas de John Ries (1894), e início do século XX, com os estudos de Ferdinand de Saussure (1916). A Sintaxe se distingue tanto da Fonologia quanto da Morfologia pela unidade linguística que constitui o seu foco de análise: a *sentença*.

De acordo com a GT, a *sentença* é formada por dois termos essenciais: sujeito e predicado. Caracterizando o português brasileiro como uma língua cuja ordem linear é SVO (sujeito+verbo+objeto), desconsiderando a incidência de outros tipos de formações.

Como tem sido a modalidade escrita da língua o alvo preferencial das descrições linguístico-gramaticais até então, tem-se a ideia de que o português é uma língua de ordem direta, já que na escrita (de natureza não artística, em especial) o uso de estruturas com um termo topicalizado é bastante comedido. (BOTELHO, 2010, p. 46)

Por outro lado, sob o ponto de vista funcionalista, “só é possível compreender o que se passa na Sintaxe, olhando também para o contexto (texto e/ou situação comunicativa) em que a sentença está inserida”. (Berlinck, 2005, p. 212).

No que diz respeito à ordem dos constituintes na *sentença*, Berlinck (2005) destaca que o Funcionalismo assume a existência de alternativas de ordenação, sem atribuir-lhes nenhum tipo de hierarquia. Para os funcionalistas, não há uma ordem primeira básica, da qual todas as demais derivam, mas sim a coexistência de várias construções. Desse modo, a existência e a manutenção dessa variação de construções se explicam pelo fato de que os vários padrões de ordenação cumprem funções comunicativas diferentes.

Ilari (2014), por sua vez, defende a ideia de que construções sintáticas podem ser organizadas em três níveis: *gramatical*, *semântico* e *informativo*. O nível gramatical seria aquele responsável pela conexidade da sentença, que busca analisar as funções sintáticas de cada elemento que forma e garante uma estrutura sentencial conexa e bem construída; o nível semântico apresenta relatos linguísticos de alguma coisa que acontece no mundo ou na cabeça das pessoas, cujas exigências lógicas precisam ser respeitadas para fazerem sentido; o último nível, informativo, é o responsável por diferenciar informações novas de informações conhecidas por seus interlocutores.

(...) toda sentença é, ao mesmo tempo, uma construção gramatical, uma construção conceitual e uma construção de caráter informativo, e que os falantes expressam essas três formas de estruturação ao mesmo tempo, utilizando recursos como a ordem das palavras, a entoação, o acento, a concordância e as preposições, para não falar de certas construções especiais. Tudo isso mostra que é preciso dar à sentença uma representação bem mais complexa do que a que resulta da análise sintática escolar. (ILARI, 2014, p. 128)

Em nosso trabalho, sobre as *Construções de Tópico* presentes na fala de moradores de Governador Nunes Freire, fica clara que a ordem sintática imposta pela GT não é

exclusiva, sendo possível observar outros tipos de ordenações sintáticas, seja através das *construções de tópico* ou de outros tipos de ordenação, como a colocação pronominal, a dupla negação, etc., sem, no entanto, ferir a ordem *natural da língua*, inerente ao falante do português brasileiro, já que elas cumprem a função comunicativa que lhes é dada.

Se tantas ordenações sintáticas são possíveis, por que só uma é considerada correta? Qual o parâmetro utilizado para escolha da ordenação sintática normativa vigente? Os estudos linguísticos e sociolinguísticos vêm contribuir e acrescentar reflexões sobre o conceito de *sintaxe* por nós conhecido, e muitas vezes perpetuado sem a devida reflexão, para que haja um avanço nos estudos da gramática da língua.

A *sintaxe* que rege a fala de nosso povo – e de muitos outros – vai além das regras impostas na Gramática Tradicional da língua. Ela segue suas próprias regras, criadas, modificadas e utilizadas de acordo com a necessidade de seus usuários e das mudanças sofridas pela língua em sua evolução natural.

Assim, estudos linguísticos sobre a ordenação sintática do Português Brasileiro buscam entender não apenas como essas relações sintáticas se estruturam e quais suas características, mas o que essa forma de articulação diz a respeito do modo como seus falantes se articulam.

Como é possível notar ao longo do nosso trabalho, são muitas as conceituações a respeito do *tópico*, tendo em vista influências teóricas de cada pesquisador. Já deixamos claro, também, que trabalhamos os nossos dados coletados de acordo com as ideias de Perini (2006) de *tópico sentencial* e de *tópico discursivo*.

Consideramos importante apresentar as possíveis classificações sintáticas que o Tópico pode apresentar, de acordo com diferentes autores. Como falamos no capítulo anterior, os conceitos de Perini (2006) são mais genéricos, porém, possíveis de classificar nesse tipo de análise como veremos mais à frente.

Sobre as propriedades sintáticas do Tópico, Silva (2011, p. 66) destaca:

Do ponto de vista sintático, podemos descrever o tópico por pelo menos dois vieses: (a) primeiro, levando-se em conta a terminologia tradicional, o que, à certa altura trará limitações à descrição; (b) segundo, levando-se em conta a ideia defendida por Perini (2006), para quem a categoria tópico pode ser vista como categoria sintática, mas não nos termos da descrição da gramática normativista tradicional ou qualquer outra perspectiva que não cuide da língua falada, real.

Neste momento, apresentamos a seguir algumas classificações das *construções de tópico*, conforme a relação estabelecida entre o elemento topicalizado e a sentença-

comentário. As classificações apresentadas aqui foram as mais frequentes encontradas por nós, durante nossas leituras, cujos conceitos estão compilados. Apresentamos exemplos das amostras dos dados coletados em nossa pesquisa (identificados como **fala nunes-freirenses - FNF**), bem como de outros autores, com as devidas identificações.

- **Anacoluto ou tópico pendente:** esse tipo de construção ocorre quando há tão somente conectividade semântica entre o tópico e o comentário. Os elementos topicalizados não são argumentos dos verbos, nem possuem função sintática na sentença-comentário.

Sobre esse tipo de construção, afirma Pontes (1987, p. 40):

A análise dessas construções tópicas nos coloca inevitavelmente no nível do discurso. A interpretação semântica do tópico depende do contexto do discurso ou do contexto pragmático. Forçosamente, sente-se a necessidade de ultrapassar os limites de uma análise estreitamente sintática. As soluções propostas pela gramática transformacional, tanto para o chamado “pronome cópia” como a solução por “topicalização”, não alcançam a totalidade dos casos.

Ou seja, não é possível explicar esse tipo de construção por qualquer critério sintático, e sim a nível de discurso. Os exemplos a seguir deixam mais clara a questão da importância do contexto e do discurso para análise desse tipo de construção.

11) *Uns tempos*, eu morei muitos dias junto com ele. (FNF)

12) *Os museus*, os prédios tudo entregues às baratas não têm um cuidado, né. (SILVA, 2011, p. 32)

Como podemos notar, o conceito de *anacoluto* é semelhante ao conceito de *Tópico Discursivo* de Perini, como já citamos precedentemente.

Os *anacolutos* também podem ser encontrados sob a denominação de **duplo-sujeitos**, tendo em vista a existência de um sujeito-discursivo (tópico) e um sujeito-sintático, aquele que aparece no comentário.

- **Deslocamento à esquerda:** quando o elemento topicalizado possui um correferente expresso na sentença-comentário. Frequentemente, no português brasileiro, o correferente da sentença-comentário é um pronome pessoal (ele/ela).

Uma das teorias para o uso desse tipo de pronome-cópia seria uma forma de evitar ambiguidades.

Sobre essas construções, destaca Silva (2011, p.49):

Sob o aspecto gramatical, portanto, goza de sintetização fraca, estabelecendo com algum constituinte do comentário traços gramaticais de gênero, número e pessoa, aspectos que também implicam a condição de relevância, a qual assume a condição de correferencialidade entre o tópico e o constituinte interno do comentário.

11) *O Cará*, ele que tava me segurando com a faca no meu pescoço. (FNF)

12) *O Fernando*, eu encontrei ele no hospital. (SILVA, 2011, p. 35)

- **Topicalização:** a topicalização ocorre quando há uma posição vazia à qual o tópico está vinculado dentro da sentença-comentário. Silva (2011, p. 53) destaca ainda a possibilidade de haver mais de um elemento topicalizado na oração, gerando, assim, o que ele denomina *construções interativas*.

11) *A data*, eu não lembro. (FNF)

12) *Jogo de futebol*, eu detesto. (SILVA, 2011, p. 37)

13) *Celular, o meu*, eu sempre levo ele e desligo. (FNF) - construção interativa.

Pontes (1987) destaca a dificuldade em distinguir construções do tipo *Topicalização* e do tipo *Deslocamento à Esquerda*, tendo em vista que no Português Brasileiro, muitas vezes, o uso do pronome é opcional. A autora completa que “Usa-se Top. para mudar de um tópico para outro, contrastando com o anterior, mas relacionado com ele. D.E. é usado para dar continuidade ao discurso, sua função é eminentemente coesiva”. (PONTES, 1987, p. 82-83)

Sobre as *topicalizações e deslocamentos à esquerda*, destaca Vasco (2006, p. 76):

No contexto geral das estruturas que compõem o quadro tipológico apresentado na introdução, as construções com deslocamentos à esquerda e topicalizações são caracterizadas, em oposição aos anacolutos, como apresentando algum tipo de vínculo de ordem sintática entre tópico e algum elemento ou posição vazia no comentário.

- **Tópico-sujeito:** quando o tópico se encontra em uma sentença com um sujeito nulo não argumental.

11) *A rua é o bairro dos índios.*(FNF)

12) *A televisão é horroroso quando eles estão fazendo programa.* (SILVA, 2011, p. 41)

Segundo Pontes (1987, p. 33-34), “nas construções de tópico sujeito, o sujeito gramatical da oração encontra-se posposto ao verbo e a posição pré-verbal é ocupada por um sintagma que tem a função de tópico da sentença e funciona como sujeito lógico”. Entretanto, a existência do tópico-sujeito não se dá tão somente pela necessidade de preencher a posição do sujeito, é muito mais uma intenção comunicativa, tal como destaca Silva (2011, p. 41):

Em outras palavras, pode-se dizer que há, sim, a necessidade estrutural de preencher, porém, há também, a inevitável intenção do falante de interagir com o ouvinte de modo a ser compreendido, bem interpretado, enfim, há a necessidade comunicacional.

Percebemos, através dos exemplos apresentados, que a ocorrência de construções de tópico no português brasileiro é bastante frequente e, cada vez mais, linguistas e estudiosos da área vem abrindo espaço sobre o tema em suas pesquisas. Vale ressaltar, porém, que esse tipo de construção *ainda* é mais frequente na linguagem falada, tendo em vista que, na escrita, os termos dispostos na ordem direta garantem uma maior compreensão, já que são, em geral, desprovidos de um contexto, bem como estão mais sujeitos a um rigor linguístico que na língua falada.

Entretanto, Pontes (1987, p. 52) destaca que “Em português, encontram-se construções de tópico em língua escrita desde os mais antigos escritores da língua, como atestam nossos gramáticos”. A autora cita alguns exemplos encontrados na literatura, como em Monteiro Lobato (1958) e Carlos Drummond de Andrade (1981).

Convém ressaltar que, com o avanço das tecnologias e da popularização das “redes sociais”, o fenômeno da topicalização passa a ser visto com maior frequência nesses ambientes, tendo em vista a utilização de uma linguagem cada vez mais simples e próxima do cotidiano, sem tantas preocupações com regras gramaticais e formalismo linguístico.

Como ilustração, apresentamos a seguir alguns exemplos de *Construções de Tópico* retirados de diferentes redes sociais e que, também, podem ser classificados conforme a nomenclatura anteriormente apresentada.

Diziam que a [@BruMarquezine](#) ia afundar sem o Neymar

Neymar perdeu a Copa
Não ficou nem entre os 10 melhores da FIFA
Não disputou o prêmio Puskas
Perdeu a Champions League
Hoje perdeu tbm a Copa da França e deu um soco na cara de um torcedor rival

A Bruna eu nunca vi mais linda

398 9.233 47,6K

Exemplo 1

Minha família a treta no natal é entre a galera que acha q tem que comer meia noite e a galera (minha galera) que tá morrendo de fome as 21



Exemplo 2

segunda feira n conte cmg pra nada

7:39 · 04 mar 19 · [Twitter for iPhone](#)

1.553 Retweets 3.040 Curtidas



Exemplo 3

nesse seu papinho eu não vou cair
cai

Exemplo 4

Minha família a treta no natal é entre a galera que acha q tem que comer meia noite e a galera (minha galera) que tá morrendo de fome as 21



Exemplo 5

carnaval e essa sensação de que estamos presos em um eterno domingo

30 4.899 11,1K

Exemplo 6

Nos exemplos apresentados acima, pudemos perceber situações distintas que servem de motivação para a realização das topicalizações: algo relacionado ao contexto no momento da publicação como o Natal (exemplo 5) e o Carnaval (exemplo 6), ou apenas falas pessoais motivadas muitas vezes por questões que não ficam explícitas a todos (exemplos 1, 2, 3 e 4).

Independentemente da motivação, podemos classificar os exemplos apresentados, sintaticamente, da seguinte forma:

Exemplo 1	<i>A Bruna</i> , eu nunca vi mais linda. - Topicalização.
Exemplo 2	<i>O casal suburbano</i> , ele possui vivências lindas que o casal rico nunca terá... - Deslocamento à esquerda.
Exemplo 3	<i>Segunda-feira</i> , n conte cmg pra nada. - Anacoluto.
Exemplo 4	<i>Nesse seu papinho</i> , eu não vou cair. - Topicalização.
Exemplo 5	<i>Minha família</i> , a treta no natal é entre a galera... - Anacoluto.
Exemplo 6	Carnaval e essa sensação de que estamos presos em um eterno domingo. - Anacoluto.

A existência desse tipo de construções na escrita, vem reforçar a ideia de que a *topicalização* já é parte intrínseca da nossa língua e que divide espaço na fala do povo brasileiro com outros tipos de construção, como a de Sujeito/Predicado.

Tendo em vista que, seguindo a evolução natural de toda língua, a *variação* caminha para a *mudança* quando esta extrapola os limites da fala (o léxico) e passa a se solidificar na gramática (escrita), sem causar estranheza, como percebemos nos exemplos citados que, apesar de não seguirem a ordem linear da Gramática Tradicional, não são estigmatizados pelos seus falantes, como ainda ocorrem com outros tipos de fenômenos linguísticos.

Vale esclarecer, entretanto, que apesar de estarmos relacionando o *Tópico* e a Sintaxe, sabemos que esta é apenas uma mera formalidade, para fins de facilitar o entendimento, já que “a língua em funcionamento não segmenta níveis de categorias; no discurso, essas categorias – sintaxe, semântica e pragmática – funcionam concomitantemente.” (SILVA, 2011, p.65)

Observamos aqui que é possível, muitas vezes, que o tópico seja analisado sintaticamente, embora ele estabeleça uma ruptura na ordem linear da estrutura padrão do Português Brasileiro, qual seja: sujeito/predicado, sem que isso signifique um prejuízo na comunicação e interação dos envolvidos.

Vimos, também, que, apesar de ser um fenômeno mais recorrente na fala, o tópico está cada vez mais presente na escrita, principalmente, na escrita informal, muito comum hoje pela popularização das redes sociais, lembrando que o que sugere uma mudança em curso, e o que hoje é visto como variação, pode se solidificar na língua.

5 METODOLOGIA

Quando pensamos em língua, muitas vezes nos remetemos à Gramática Tradicional com suas inúmeras regras e conceitos. Um longo caminho, entretanto, foi trilhado para que conseguíssemos ver a língua hoje, como de fato ela é: algo mutável, flexível e que está em constante evolução. Desde a língua trazida pelos portugueses, passando pela influência das línguas indígenas e das africanas, bem como alguns séculos depois, dos idiomas dos muitos imigrantes que vieram para terras tupiniquins, todas elas contribuíram e influenciaram na formação do Português Brasileiro.

Estudos da linguística moderna nos mostram que uma criança de 5 anos já domina a sintaxe de sua língua. O ensino de língua nas escolas insiste no princípio da correção, onde “o professor do ensino fundamental e médio tende a desqualificar como ruim toda e qualquer produção do aluno que cometa deslizes contra a sintaxe, a ortografia ou a disposição de páginas próprias do português-culto”. (ILARI, 2014, p. 231).

E nesse ambiente de multilinguismo e de contrastes, a língua segue seu ritmo evolutivo. Na tentativa de acompanhar a evolução do Português Brasileiro (PB), bem como de contribuir para os estudos sociolinguísticos sobre o tema, buscamos verificar como um determinado fenômeno linguístico do Português Brasileiro, de caráter sintático, se apresenta na fala dos moradores da cidade de Governador Nunes Freire/MA.

Nesse sentido, nosso estudo busca investigar como o fenômeno das *Construções de Tópico*, com base nos estudos de Perini, manifesta-se na fala dos moradores do município de Governador Nunes Freire/MA, em uma comunidade de prática específica, bem como verificar como essas realizações se refletem na sintaxe do português brasileiro.

Os dados analisados em nossa pesquisa foram selecionados de depoimentos prestados no Fórum da cidade de Governador Nunes Freire, por homens e mulheres, de faixas etárias e de níveis de escolaridade diferentes de 2015 a 2018, no total de 16 informantes.

Vale ressaltar que não é de interesse desta pesquisa observar sinais de interferência provenientes do Fórum Judicial da cidade, local onde os dados foram recolhidos a partir da fala dos depoentes, tendo em vista que o contexto analisado não é o jurídico, mas uma comunidade de prática específica de Governador Nunes Freire. Sendo, inclusive, um contexto propício à investigação, porque expõe informantes diversos, em todos os sentidos.

Ademais, o Fórum de uma pequena cidade do interior não traz em si o mesmo caráter formal de um Fórum de uma grande cidade. Com isso, queremos dizer que o Fórum no interior é um local onde as pessoas costumam ir à vontade, muitas vezes, de chinelo, sendo exigido apenas o mínimo de recato nas roupas; juízes e promotores podem ser encontrados a qualquer momento no supermercado ou na padaria, bem como boa parte dos servidores são naturais da cidade, conhecidos e acessíveis ao restante da população, ou seja, o Fórum é um local de pessoas conhecidas, a que a população tem livre acesso.

Sendo assim, o objeto de estudo de nossa investigação é a *língua*. Entretanto, verificamos a realização dessa língua em uma situação específica, onde as pessoas envolvidas têm papéis bem definidos, qual seja, prestar depoimentos relativos a processos criminais em tramitação no Fórum da cidade, que levarão ao objetivo final.

Esta pesquisa é de natureza sociolinguística e, por isso, adotamos a seguinte metodologia: coleta dos dados; definição de grupos sociais e análise dos resultados obtidos.

Apesar das muitas contribuições que a Sociolinguística Variacionista (SV) forneceu à nossa pesquisa, foi a Sociolinguística Interacional (SI) a que melhor atendeu às necessidades de nosso estudo, tendo em vista que a SI tem como foco as relações dialógicas com papéis sociopessoais bem marcados, bem como a *qualidade* dos dados obtidos é mais importante que a *quantidade*, como ocorre em nossa investigação. Assim, nossa pesquisa é *qualiquantitativa*, já que, além de apresentarmos dados quantitativos concretos de nossa investigação, é de suma importância compreender os significados das ações dos sujeitos nas interações das quais participam.

O instrumento de coleta dos dados é o *depoimento*. Nesses depoimentos, estão presentes o juiz, o promotor e o advogado que farão perguntas ao informante relativas ao caso analisado. São perguntas pontuais que incentivam a narrativa por parte do depoente e que permitem a realização da língua de forma mais natural e espontânea.

Como suporte teórico, nos apoiamos, além da SI, no Funcionalismo – que também enfatiza as relações sociais e sustenta que “toda atividade social e cultural é funcional ou desempenha funções e é indispensável”. (GIL, 2014, p. 19) – e no Sociofuncionalismo, que busca interligar os principais pontos entre as duas teorias citadas.

A seguir, apresentaremos os caminhos traçados em nossa metodologia para a verificação e análise dos dados obtidos.

5.1 A Cidade de Governador Nunes Freire/MA: para além da comunidade de prática

A cidade de Governador Nunes Freire/MA (GNF) fica localizada na região denominada Alto Turi, cerca de 200km da capital São Luís. Antigo Povoado do Encruzo – em razão do funcionamento de uma linha de telégrafo que ligava o Maranhão ao Pará e que formava uma encruzilhada com a BR 316 –, a cidade de Governador Nunes Freire foi um dos 81 municípios emancipados através da Lei n. 6.174, de 10 de novembro de 1994, tendo sido desmembrada da cidade de Cândido Mendes/MA, com sede instalada em 1997.

Conforme observamos no Mapa do Maranhão (Figura 1), o município fica ao leste da capital São Luís, próximo ao Estado do Pará.

Figura 1- Mapa do Maranhão.



Fonte: IBGE.

O topônimo é uma homenagem a Osvaldo da Costa Nunes Freire, médico e político maranhense, que exerceu o cargo de Governador do Estado nos anos de 1975 a 1979.

O desenvolvimento da cidade se deu na década de 1960, com a chegada de moradores de várias partes do Maranhão e de outros Estados, atraídos pela fertilidade das terras. A agricultura é de subsistência e a exploração ilegal de madeira ainda é uma das principais atividades econômicas da região, sendo alvo constante de operações da Polícia Federal.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geopolítica Estatística - IBGE, adquiridos no último Censo do ano de 2010, a cidade tem cerca de 25.401 habitantes, onde 12.863 são do sexo masculino e 12.538 são do sexo feminino e, somente pouco mais da metade da população, 16.130 pessoas são alfabetizadas.

Localizada às margens da BR 316, a principal avenida da cidade é, na verdade, local de passagem para os estados do Pará e do Piauí (ver Figura 2), o que garante a presença de moradores de naturalidades variadas e um ambiente propício para nossa pesquisa.

Figura 2 - Cidade de Governador Nunes Freire (BR 316).



Fonte: Acervo Pessoal.

A cidade carece de infraestrutura, com poucas ruas asfaltadas e esgoto a céu aberto (ver Figura 3). O único hospital da cidade não consegue suprir a demanda da população, tendo em vista tanto a falta de recursos e investimentos quanto a alta demanda oriunda dos municípios vizinhos que, também, recorrem ao referido hospital.

Figura 3 - Morro do Alto do Bec.



Fonte: Acervo Pessoal

O Fórum Judicial da cidade funcionava desde sua inauguração, em 2001, até o mês de novembro de 2018 em um prédio alugado, quando foi inaugurada a sede própria do Tribunal de Justiça, em terreno doado pela prefeitura (Figura 4).

Figura 4 - Fachada do Fórum de Governador Nunes.



Fonte: Ribamar Pinheiro/TJMA

5.2 Fatores sociais da pesquisa

Antes de definirmos o *corpus* de análise de nossa pesquisa, fora realizada uma observação inicial da amostra recolhida, no intuito de se confirmar a presença/frequência do fenômeno do *tópico* na fala dos moradores da cidade de Governador Nunes Freire/MA, bem como para definição dos grupos de análise e demais critérios de investigação.

Com base na observação prévia acima citada, foram tomados como parâmetros de investigação, portanto, dois grupos de análise, qual seja, homens e mulheres, subdivididos por faixa etária e nível de escolaridade. Desse modo, o critério presença/frequência está sendo observado numa perspectiva de menor para o maior nas variantes *sexo, faixa etária e escolaridade*, buscando-se reconhecer, no primeiro momento, em que variante as *construções de tópico* foram observadas com menor e/ou maior número de realizações.

Os dados da amostra utilizados como exemplos são identificados da seguinte forma: sexo (H ou M), faixa-etária (A ou B), nível de escolaridade (1 ou 2).

Para a faixa etária, foram feitos dois recortes: faixa etária (A): de 18 a 30 anos e faixa etária (B): de 50 a 70 anos.

Como os dados utilizados em nossa pesquisa foram retirados de depoimentos colhidos no Fórum, em audiências criminais, descartamos os depoimentos de menores de 18 anos, tendo em vista que, em sua maioria, os crimes que envolvem menores são de natureza grave e sexual, tornando praticamente impossível a naturalidade necessária que objetivamos nesse tipo de pesquisa.

Quanto à variável escolaridade, foram realizados dois recortes: escolarizados (1) e não escolarizados (2). A divisão da escolaridade se deu dessa forma, tendo em vista a realidade do município, onde a educação de nível superior passou a existir na cidade apenas na última década, através de Programas de Ensino Superior oferecidos pela Universidade Estadual e por faculdades particulares de pequeno porte, não havendo sequer um *polo* na cidade, mas tão somente turmas de determinados cursos que funcionam em salas alugadas e/ou cedidas para tal fim, o que certamente prejudicaria a seleção de informantes da segunda faixa etária de nosso estudo, com ensino superior.

Sobre as variáveis faixa-etária e escolaridade, faz-se necessário esclarecer duas questões: optamos por selecionar *moradores* da cidade como informantes e não *pessoas naturais* da cidade de Governador Nunes Freire, tendo em vista que o referido município foi emancipado somente em 1994. Sendo assim, seria impossível encontrar informantes naturais da cidade que se encaixassem na faixa etária B; e, para fins de nossa pesquisa, consideramos *escolarizados* os informantes que concluíram o ensino fundamental, sendo considerados *não escolarizados* aqueles que não conseguiram fechar esse ciclo.

Assim, a divisão das amostras se deu da seguinte forma:

SEXO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	NÚMERO DE INFORMANTES	TOTAL
HOMEM	A	1	02	
HOMEM	B	1	02	
HOMEM	A	2	02	
HOMEM	B	2	02	
MULHER	A	1	02	
MULHER	B	1	02	
MULHER	A	2	02	
MULHER	B	2	02	
				16

Os dados colhidos são analisados e convertidos em dados estatísticos, no intuito de corroborar nossa pesquisa sobre a ocorrência do *tópico* e a sua relevância dentro da referida comunidade de prática, como sinalizadora de um exemplar dentro da diversidade da fala do português brasileiro.

5.3 Instrumento de coleta de dados

O instrumento para coleta dos dados da nossa pesquisa foi o *depoimento*. De maneira geral, encontramos dois significados principais para o termo *depoimento* nos principais dicionários brasileiros: 1- Ato ou efeito de depor; 2 - *jur.* Declaração da testemunha ou da parte sobre determinado fato, do qual tem conhecimento ou que se relacione com seus interesses e que figura no processo como prova testemunhal. É o segundo significado que aqui nos interessa.

Os depoimentos utilizados neste estudo foram colhidos em audiências no Fórum da cidade de Governador Nunes Freire, entre os anos de 2015 a 2018, e que foram selecionados por nós (após requerimento e autorização do magistrado competente) para fazer parte do nosso *corpus* de análise. Acreditamos que questionários estruturados limitam as ações espontâneas e podem comprometer as informações obtidas.

Os depoimentos são oriundos de processos criminais, tendo em vista que somente essas audiências são gravadas em mídia de áudio e vídeo. As demais audiências, referentes a outros tipos de ações, são apenas digitadas. Os depoimentos foram transcritos, sendo proibida sua veiculação e garantido o anonimato dos depoentes, apenas identificados através de códigos, como já citado previamente.

Os depoimentos colhidos foram de testemunhas – divididas entre testemunhas de acusação e testemunhas de defesa, arroladas respectivamente pelo Ministério Público Estadual e pelos advogados de defesa – e de acusados (considerados para fins de nossa pesquisa como defesa).

Não nos preocupamos aqui em estabelecer um número igual de testemunhas de defesa e de acusação, já que essas não são uma categoria de análise de nosso trabalho, porém levamos em consideração, pela oportunidade, algumas características marcantes na linguagem desses depoentes que elencamos, a título de informação, nos quadros abaixo.

Caracterização dos depoimentos	
Testemunhas de defesa	Testemunhas de acusação
Linguagem mais formal	Linguagem mais informal
Discurso relativamente planejado	Discurso relativamente não planejado
Preocupação com a pessoa acusada	Preocupação com os fatos
Depoimentos mais curtos	Depoimentos mais longos

Tendo em vista que os depoimentos são relativos a crimes que estão sendo apreciados pela Justiça, percebemos que os depoimentos das testemunhas de defesa – normalmente parentes e amigos dos acusados – são mais “moderados” que os das testemunhas de acusação.

Isso se deve em virtude de uma certa preocupação por parte da defesa em dizer as coisas certas para que não venha a prejudicar o réu. Os depoimentos da defesa buscam sempre passar uma imagem positiva do acusado, são as chamadas *testemunhas de comportamento*, pois, via de regra, elas não presenciaram o fato e não têm o que acrescentar sobre os acontecimentos ora analisados; buscam tão somente ajudar o acusado. Já as testemunhas de acusação tentam sempre narrar os fatos tal qual aconteceram, sem se preocupar tanto com aquilo que está sendo dito.

Não analisamos se esse “cuidado” por parte da defesa na hora do depoimento tenha interferido, de forma contundente, no uso das topicalizações, porque mudaria a direção teórica e o foco traçados a princípio, mas sugerem pesquisas futuras.

Buscamos, também, relacionar alguns conceitos-chave da teoria de Goffman (1995) às características dos depoimentos colhidos em nossa pesquisa, conforme apresentamos a seguir:

- **Enquadre** – já que o enquadre refere-se à intenção comunicativa dos falantes envolvidos no enlace interacional, percebemos que o *enquadre* é diferente para testemunhas de defesa e de acusação, diante de seu papel e de acordo com o seu interesse no processo;
- **Footing ou alinhamento** – é um desdobramento do *enquadre* e representa a postura assumida pelos interlocutores uns em relação aos outros, ou seja, as testemunhas assumem seu papel de defesa ou de acusação durante o depoimento, tornando algo visível e identificável no decorrer da interação;

- **Fachada** – a representação do sujeito diante de um grupo de outros sujeitos observadores. Assim, as testemunhas antes de prestar o depoimento assumem um compromisso de falar a verdade em juízo e se tornam, naquele momento, sujeitos de conduta ilibada, sendo constituída a fachada social de cada depoente.

Podemos perceber, tal qual Goffman (1995) nos aponta, que quando determinados sujeitos encontram-se em interação verbal, existe um sistema de regras de conduta que orienta e organiza a interlocução entre eles, como se fosse uma espécie de acordo sobre os temas e a identidade dos envolvidos na interação.

Assim, nem as testemunhas de defesa precisam dizer que estão ali com o objetivo de defender o acusado, nem as de acusação que estão ali para acusar, já que suas intenções estão claras na postura que assumem durante seus depoimentos. O que levamos em conta e que envolve, tanto defesa quanto acusação, é o fato de serem falas de depoentes que, sendo coletadas no Fórum de Governador Nunes Freire, têm, independentemente da postura assumida, traços comuns.

5.4 Os dados

Como já dito, os dados analisados em nossa pesquisa foram retirados de depoimentos prestados no Fórum da cidade de Governador Nunes Freire entre os anos de 2015 e 2018, por diferentes grupos de informantes. A seguir, apresentamos uma amostra dos dados obtidos através desses depoimentos.

(i) (Mulher /escolarizada/segunda faixa etária)

L1: O que a senhora sabe sobre o comportamento dele?

L2: *O comportamento dele, ele era uma criança muito legal.*(TD)

Observa-se, no exemplo acima, que o pronome-cópia *ele* concorda em gênero e número com o elemento topicalizado. Entretanto, tópico e pronome-cópia não possuem a mesma função sintática, já que o termo topicalizado é seguido de uma oração completa, não podendo ser encaixado nela.

(ii) (Mulher/ escolarizada /primeira faixa etária)

L1: A senhora já conhecia o Estarlen?

L2: Não, nunca tinha visto ele.

L1: Nem o Bruno?

L2: *O Bruno, eu já vi.*(TS)

No exemplo (ii), o elemento topicalizado exerce a função sintática de objeto direto do verbo *ver*.

(iii) (Mulher /não escolarizada /primeira faixa etária)

L1: Nos relate com segurança o que a senhora lembra desse dia.

L2: (...) porque eles tavam querendo celular e dinheiro. *Celular, o meu, eu sempre levo ele e desligo.*(TD)

Ao contrário dos exemplos anteriores, onde o elemento topicalizado foi acionado pelos interlocutores, neste caso o tópico foi produzido e acionado pela própria depoente em sua narrativa. Temos aqui um exemplo de *tópico em cadeia*, em que dois elementos são topicalizados, porém, seguidos de uma oração completa. Portanto, não podem ser analisados sintaticamente, pois, sua relação é semântica.

(iv) (Homem /escolarizado /segunda faixa etária)

L1: O que o senhor sabe a respeito desse fato aqui?

L2: *Desse fato aí, eu não sei dizer nada.*(TS)

No exemplo (iv), o elemento topicalizado exerce a função sintática de objeto indireto do verbo *saber*.

(v) (Homem/escolarizado/primeira faixa etária)

L1: Você conhece alguma conduta ilícita que ele praticou na menoridade?

L2: (...) *Dessa questão da fuga, acho que ele ainda era menor de idade.*(TD)

Assim como no exemplo (iii), o elemento topicalizado foi produzido e acionado pelo próprio depoente em sua fala. Ocorre, entretanto, que neste caso o tópico fora produzido

em outro momento, no início de seu depoimento, sendo acionado, posteriormente, por outra pergunta do interlocutor.

(vi) (Homem/não escolarizado/primeira faixa etária)

L1: E o Edson?

L2: *O Edson, eu também não sei nada sobre ele.*(TD)

No exemplo (vi), o elemento topicalizado não pode ser encaixado no comentário, tendo em vista que é formado por uma frase completa.

(vii) (Homem/não escolarizado/segunda faixa etária)

L1: O senhor viu a arma?

L2: *A arma, eu vi.* (TS)

No exemplo (vii), o elemento topicalizado exerce a função sintática de objeto direto do verbo *ver*.

(viii) (Homem/não escolarizado /primeira faixa etária)

L1: O senhor não lembra de nada?

L2: *Dessa hora, eu não lembro.* (TD)

No exemplo (viii), o elemento topicalizado deveria exercer a função sintática de objeto indireto do verbo *lembrar*¹⁰, caso este verbo estivesse com o pronome *me*. Tendo em vista tal ruptura sintática, passamos a considerar como tópico discursivo.

(ix) (Mulher /não escolarizada /segunda faixa etária)

L1: A senhora tem relação de parentesco... é parente com o acusado ou com as crianças?

L2: *Uns tempos, eu morei muitos dias junto com ele.* (TD)

¹⁰ De acordo com a regência, o verbo *lembrar* pode ser transitivo direto ou indireto. O referido verbo foi utilizado em dois momentos diferentes, por dois informantes diferentes, ora como VTD ora como VTDI, embora indicassem situações similares. O que demonstra a despreocupação dos falantes com esse tipo de norma, característica da gramática tradicional.

No exemplo (ix), o termo topicalizado é seguido de uma oração completa, não podendo ser encaixado nela.

(x) (Mulher /não escolarizada /primeira faixa etária)

L1: Mas tu usava com frequência durante o dia?

L2: *De dia, eu não usava muito não.* (TS)

No exemplo (x), o elemento topicalizado exerce a função sintática de *adjunto adverbial de tempo*.

(xi) (Homem /escolarizado /segunda faixa etária)

L1: Ele fazia o quê na época?

L2: *Disso também, eu não sei o que ele fazia.* (TD)

No exemplo (xi), o termo topicalizado é seguido de uma oração completa, não podendo ser encaixado nela.

(xii) (Mulher /escolarizada /primeira faixa etária)

L1: A senhora lembra quem lhe assaltou... o que levaram? O que a senhora tem pra nos contar?

L2: *A data, eu não lembro.* (TS)

No exemplo (xi), o elemento topicalizado exerce a função sintática de objeto direto do verbo *lembrar*.

(xiii) (Mulher /escolarizada/primeira faixa etária)

L1: O que mais a senhora sabe sobre esses fatos? Já ouviu falar se eles eram dados a esse tipo de prática?

L2: Não... *o Bruno, a família dele eu conheço.* Eles são tudo pessoa de bem. (TS)

Em (xiii), temos, também, dois elementos topicalizados: *o Bruno* e *a família dele*, onde ambos podem exercer a função sintática de objeto direto do verbo *conhecer*.

(xiv) (Homem/escolarizado /primeira faixa etária)

L1: Quem tava mais agressivo? O Dodô ou o Cará?

L2: *O Cará, ele que tava me segurando com a faca no meu pescoço.* (TD)

No exemplo (xiv), o elemento topicalizado não pode ser encaixado no comentário, tendo em vista que o mesmo é formado por uma frase completa.

(xv) (Homem /escolarizado /segunda faixa etária)

L1: Seu endereço completo?

L2: Meu endereço completo é Maranhãozinho.

L1: Rua... casa... o senhor não sabe?

L2: *Casa própria, eu não tenho.* (TS)

No exemplo (xv), o elemento topicalizado exerce a função sintática de objeto direto do verbo *ter*.

(xvi) (Mulher/escolarizada /primeira faixa etária)

L1: A princípio você imaginou que fosse uma arma?

L2: *Na hora, eu pensei.* (TS)

No exemplo (xvi), o elemento topicalizado exerce a função sintática de *adjunto adverbial de tempo*.

Como mencionado, a análise dos dados foi feita levando em consideração os conceitos de *Tópico Sentencial* e de *Tópico Discursivo* apresentados por Perini (2006) e já discutidos ao longo de nossa pesquisa.

Essa conceituação se mostrou importante, tendo em vista a nossa proposta de relacionar a *Topicalização* com a *Sintaxe* da Gramática Tradicional, sendo possível assim quantificar as realizações possíveis de serem analisadas sintaticamente e em quais grupos são mais frequentes, como veremos no capítulo a seguir. Sendo a *Topicalização* uma manifestação de uma estrutura móvel e flexível, a pesquisa precisou se ancorar num contraponto mais formal, como parâmetro para manusear a flexibilização das estruturas. Daí a escolha da Gramática Tradicional.

Entretanto, o fato de considerar a Topicalização como marca do português brasileiro a ser investigada na comunidade de prática de GNF, deixa claro o motivo de esta pesquisa ser de caráter sociofuncionalista.

6 RESULTADOS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos e analisamos os dados obtidos de nosso *corpus*. Sendo estes descritos, em um primeiro momento, separadamente, para ao final ser feita uma análise geral do fenômeno pesquisado. A análise procura identificar em quais grupos as construções do tipo Tópico Discursivo e Tópico Sentencial são mais frequentes e se os fatores sociais estabelecidos influenciam nas suas realizações.

➤ Primeira parte - Grupo dos Homens

No Grupo HA1, que corresponde a homens escolarizados da primeira faixa etária, das realizações de Construções de Tópico, as de Tópico Discursivo foram mais frequentes que as de Tópico Sentencial.

HA1	
Tópico Sentencial	28%
Tópico Discursivo	72%

No Grupo HA2, que corresponde a homens não escolarizados da primeira faixa etária, todas as realizações de Construções de Tópico proferidas por este grupo foram do tipo Tópico Sentencial.

HA2	
Tópico Sentencial	100%
Tópico Discursivo	----

No Grupo HB1, que corresponde a homens escolarizados da segunda faixa etária das realizações de Construções de Tópico, as de Tópico Discursivo foram mais frequentes que as de Tópico Sentencial.

HB1	
Tópico Sentencial	40%

Tópico Discursivo	60%
--------------------------	-----

No Grupo HB2, que corresponde a homens não escolarizados da segunda faixa etária, todas as realizações de Construções de Tópico proferidas por este grupo foram do tipo Tópico Sentencial.

HB2	
Tópico Sentencial	100%
Tópico Discursivo	-----

Numa visão geral, em um grupo de homens, de idades e escolaridades diferentes, inseridos na comunidade de prática analisada da cidade de Governador Nunes Freire, apresentamos o seguinte resultado:

Total	
Tópico Sentencial	46,6666%
Tópico Discursivo	53,3333%

Sobre os dados acima apresentados, tiramos as seguintes conclusões no que diz respeito aos falantes HOMENS da comunidade de prática analisada:

- O fenômeno do *Tópico Sentencial* é mais frequente entre homens de menor escolaridade, independentemente da idade;
- O fenômeno do *Tópico Discursivo* é mais frequente entre homens de maior escolaridade, independentemente da idade;
- De forma geral, em um grupo de homens, de idades e escolaridades diferentes, moradores da cidade de Governador Nunes Freire, participantes da comunidade de prática em questão, o tipo de Construção de Tópico mais frequente foi o *Tópico Discursivo*.

➤ **Segunda parte - Grupo das Mulheres**

No Grupo MA1, que corresponde a mulheres escolarizadas da primeira faixa etária das realizações de Construções de Tópico, as de Tópico Sentencial foram mais frequentes que as de Tópico Discursivo.

MA1	
Tópico Sentencial	75%
Tópico Discursivo	25%

No Grupo MA2, que corresponde a mulheres não escolarizadas da primeira faixa etária, todas as realizações de Construções de Tópico proferidas por este grupo foram do tipo Tópico Sentencial.

MA2	
Tópico Sentencial	100%
Tópico Discursivo	----

No Grupo MB1, que corresponde a mulheres escolarizadas da segunda faixa etária, todas as realizações de Construções de Tópico proferidas por este grupo foram do tipo Tópico Discursivo.

MB1	
Tópico Sentencial	----
Tópico Discursivo	100%

No Grupo MB2, que corresponde a mulheres não escolarizadas da segunda faixa etária das realizações de Construções de Tópico, as de Tópico Discursivo foram mais frequentes que as de Tópico Sentencial.

MB2	
Tópico Sentencial	33,3333%

Tópico Discursivo	66,6666%
--------------------------	----------

Numa visão geral, em um grupo de mulheres, de idades e escolaridades diferentes, inseridos na comunidade de prática analisada da cidade de Governador Nunes Freire, apresentamos o seguinte resultado:

Total	
Tópico Sentencial	54,5454%
Tópico Discursivo	45,4545%

Sobre os dados acima apresentados, tiramos as seguintes conclusões no que diz respeito aos falantes MULHERES da comunidade de prática analisada:

- O fenômeno do *Tópico Sentencial* é mais frequente entre mulheres da primeira faixa etária, independentemente da escolaridade.
- O fenômeno do *Tópico Discursivo* é mais frequente entre mulheres da segunda faixa etária, independentemente da escolaridade.
- De forma geral, em um grupo de mulheres, de idades e escolaridades diferentes, moradoras da cidade de Governador Nunes Freire, participantes da comunidade de prática em questão, o tipo de Construção de Tópico mais frequente foi o *Tópico Sentencial*.

➤ Terceira Parte - Comparativo entre os dois grupos

Ao analisarmos os dois grupos isoladamente, percebemos que no Grupo das Mulheres o Tópico Sentencial foi mais expressivo, e no Grupo dos Homens, o Tópico Discursivo foi o mais frequente, de acordo com as variáveis definidas em nossa pesquisa.

Agora, em uma comparação entre os dois grupos, considerando o total de realizações, encontramos o seguinte resultado.

Total	
Grupo das Mulheres	42,307%

Grupo dos Homens	57,692%
-------------------------	----------------

Assim, os dados nos mostram, que os homens – da comunidade de prática investigada – utilizam com mais frequência as Construções de Tópico que as mulheres daquela referida comunidade. O que corrobora as pesquisas sociolinguísticas que mostram que as mulheres costumam ser mais propensas a utilizar a norma padrão da língua que os homens.

Percebemos, ao longo de nossa pesquisa e após a análise dos dados, que as Construções de Tópico estão presentes em todos os grupos analisados, variando apenas a frequência e o tipo. Vimos, também, que essas construções já se fazem presentes na escrita – ainda que seja na escrita informal – já com bastante frequência, o que *sugere* que tal fenômeno possa deixar de ser uma *variação* e esteja caminhando para uma *mudança* em nossa língua.

Assim, pudemos confirmar a principal hipótese de nosso trabalho que era a de que o fenômeno da *Topicalização* está cada vez mais presente na fala dos moradores da cidade de Governador Nunes Freire, tendo em vista que houve realizações de tópico em todos os grupos. Entretanto, além do fator faixa etária – que se destacou no grupo das mulheres –, o fator escolaridade também foi determinante, mas para o grupo dos homens. Algo que não fazia parte de nossas suposições.

Acreditamos que tais resultados são importantes para confirmar de forma particularizada o que já foi identificado de forma mais geral: que o fenômeno da *Topicalização* está cada vez mais presente no Português Brasileiro, a exemplo das marcas encontradas na fala dos moradores de Governador Nunes Freire, envolvidos de alguma forma em processos que tramitam no Fórum daquela cidade, o que sugere um processo de mudança e/ou gramaticalização sinalizado por muitos pesquisadores sobre o assunto.

Sabemos que existe um longo caminho para que o processo de gramaticalização seja completamente concretizado e que são necessárias ainda mais pesquisas sobre o tema para fundamentarmos tal afirmação. Entretanto, consideramos como um *indício* de tal *mudança* os dados obtidos em nossa pesquisa e esperamos que estes possam servir como base para estudos posteriores sobre o tema.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nossa pesquisa, nos primeiros contatos com nosso *corpus* de análise, deparamo-nos com uma vasta gama de *marcas sintáticas* do português brasileiro presentes nos dados a serem analisados. Diante de tal riqueza linguística – campo fértil para inúmeras investigações – selecionamos várias *marcas sintáticas* como nosso objeto de estudo, tais como: *emprego dos pronomes (pronomes átonos em posição proclítica, pronome ele como objeto); utilização do gerúndio; emprego de expressões enfáticas; ausência do uso do sim em respostas; utilização do verbo ter no lugar de haver; dupla negação; repetição; topicalização*.

Entretanto, e como era de se esperar, trabalhar com tantos fenômenos linguísticos, em tão curto espaço de tempo, tornou-se inviável. Assim, dentre as oito *marcas* previamente escolhidas, reduzimos a três (*dupla negação; uso do pronome mim como sujeito de infinitivo; topicalização*) e, posteriormente, elegemos uma – a Topicalização – como o único fenômeno a ser investigado em nossa pesquisa.

A escolha pela *Topicalização* se deu por questões práticas, pela riqueza linguística de tal fenômeno e, ao mesmo tempo, pelo *tópico* ser uma das marcas mais recorrentes em nosso *corpus* de pesquisa, e por ser uma das marcas mais recorrentes no Português Brasileiro, segundo os pesquisadores citados e considerados em nossa pesquisa.

Objetivamos através de nosso trabalho seguir os passos metodológicos característicos da Sociolinguística, quais sejam: *definição dos grupos sociais, coleta de dados e análise dos resultados obtidos*, tendo, por isso, a Sociolinguística Interacionista sido a área teórica de referência que nos forneceu conceitos fundamentais ao nosso trabalho, como o de *comunidade de prática*, conceito que possibilitou descrever o perfil do grupo dos informantes. Selecionamos um grupo social específico – depoentes do Fórum de Governador Nunes Freire – dentro da *comunidade de fala* existente no referido município.

Buscamos destacar as influências oriundas do Funcionalismo – e sua vertente, o Sociofuncionalismo – que concebe a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, e cuja visão de língua se entrelaça, muitas vezes, com a da Sociolinguística. Sendo que tal teoria foi de suma importância na construção de nosso quarto capítulo, onde pudemos contrapor a visão funcionalista da sintaxe com a visão da Gramática Tradicional sobre a sintaxe.

Entretanto, após percorrermos tal caminho, pudemos perceber que o fenômeno das *Construções de Tópico* é assunto cada vez mais recorrente entre estudiosos da língua, independente da teoria que sigam. E consideramos ainda irrisório o espaço dedicado ao assunto em livros, tanto de caráter linguístico ou gramáticas, já que o referido fenômeno é campo fértil para análise da língua que falamos e poderia ser muito mais explorado do que vem sendo.

Sobre os dados obtidos em nosso trabalho – *Construções de Tópico em foco: uma investigação sobre o fenômeno do Tópico na Cidade de Governador Nunes Freire no Maranhão* –, percebemos que construções do tipo *Tópico Sentencial* são mais frequentes na fala das mulheres daquela comunidade de prática e o fator **faixa etária** foi o que se destacou entre elas. Ou seja, quanto mais novas, maior a possibilidade de ocorrência desse tipo de construção em detrimento das construções do tipo *Tópico Discursivo*.

Já no grupo dos homens, foi o **Tópico Discursivo** que se destacou e o fator **escolaridade** foi o determinante entre eles. Em outras palavras, quanto *maior a escolaridade*, maior a ocorrência desse tipo de construção.

De forma geral, sobre os fatores sociais analisados – sexo, faixa etária e escolaridade – a variável *sexo* não mostrou relevância, uma vez que o fenômeno do tópico foi empregado por todo o universo da amostra, sem distinção dessa natureza. A variedade *faixa etária* teve destaque no grupo de mulheres, o que indica uma mudança em curso, tendo em vista que os mais jovens costumam ser os primeiros a serem atingidos pelas mudanças sociais.

O fator *escolaridade* tornou-se o ponto de surpresa de nossa pesquisa, já que estudos apontam que quanto maior a escolaridade, maior a probabilidade de uso da norma padrão, o que não ocorreu em nosso estudo no que diz respeito aos homens, já que os homens de maior escolaridade foram os que apresentaram maior ocorrência de topicalização.

Sob o ponto de vista da sintaxe, percebemos que as construções de tópico, apesar de alterarem a estrutura linear da frase de acordo com a Gramática Tradicional, não prejudicam a compreensão daquilo que está sendo transmitido, pelo contrário, podem inclusive ser consideradas como “facilitadores” de tal compreensão, já que a partir do momento que se coloca em destaque um termo topicalizado, está-se dando sinais ao interlocutor do assunto ao qual se está dando ênfase.

Por fim, ao acrescentar fatos linguísticos à produção de conhecimento sobre o Português Brasileiro, investigando-o numa comunidade de prática maranhense, ampliamos,

por meio desta pesquisa, as discussões a respeito do tema que vem ganhando espaço entre estudiosos da língua, tanto que, em Governador Nunes Freire, não importando a faixa etária e o nível de escolaridade, as marcas de topicalização foram recorrentes na fala dos informantes. Abrem-se outras possibilidades de pesquisas futuras que poderão investigar, entre outros âmbitos, a *topicalização* como sinal da intencionalidade do falante brasileiro, quer por sua expectativa na interação, se de acusar ou defender, tendo em vista o contexto dessa comunidade de prática de interesse nesta investigação; quer por qualquer outra intenção ou mesmo pelo temperamento brasileiro que se manifesta na forma de organização sintática da frase por caminhos que fogem ao padrão da Língua Portuguesa ensinado pela tradição gramatical.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALMEIDA, Sônia. *A língua e a árvore: uma herança com chão e tempo*. São Luís: EDUFMA, 2017.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ALVES. Rhávila Raquel G; SILVA, Jair Barbosa. *Interdisciplinar - Edição Especial*. Ano VIII, v. 17, jan./jun. 2013.
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português: pela análise sintática*. 18. ed. rev. e ampl., com exercícios resolvidos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; AUGUSTO, Marina R. A.; SCHER, Ana Paula. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- BOTELHO, José Mário. A ordem dos termos em português e a topicalização. *Revista Philologus*, ano 16, n. 47, p. 45-61. Rio de Janeiro: CiFEFiL, mai./ago. 2010.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do Português Brasileiro*. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- COLARES, Virgínia (Org.). *Linguagem e direito: caminhos para linguística forense*. São Paulo: Cortez, 2016.

DE PAULA, Nicolau Mayara (2012). *As construções de deslocamento à esquerda no PB: um estudo em tempo real de curta duração*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Contribuições de Erving Goffman para os estudos linguísticos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 4, p. 94 -110, 2000.

FRANCHI, Carlos [et al.]. *Mas o que é mesmo gramática?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

GARCIA, Carlos Eduardo Nunes (2014). *As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Atlas, 2014.

GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. 1. ed. 2 vol. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Martha Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LI, Charles. N.; THOMPSON, Sandra. A. Subject and Topic: A New Typology of Language. In: Charles N. Li (Org.). *Subject and Topic*, New York: Academic Press, p. 458-489, 1976. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwenku.baidu.com%2Fview%2Fc8359648e45c3b3567ec8b59.html&ei=qVDZVN6mCYrBgwTetlO4DA&usg=AFQjCNHYnOa_SEHX-UHaQXvbMU0qrpn0mw&bvm=bv.85464276,d.eXY&card=rjt. Acesso em: 20 out 2018.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MELO, Elaine Alves Santos (2015). *Construções de Tópico Sujeito: um caso de mudança na expressão da posse externa do PB*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (Org.). *Política Linguística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

ORSINI, Mônica Tavares (2003). *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ORSINI, Mônica Tavares; VASCO, Sérgio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. *Diadorim*. v. 2, p. 83-98, 2012.

PERINI, Mário A. *Princípios da linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo [et al.] *A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco*. São Luís: EDUFMA, 2006.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RODRIGUES JUNIOR, Adail. Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman. *Linguagem e ensino*. v. 8, n. 1, p. 123-148, jan./jun. 2005.

SANTANA, Gabriel; LIMA, Ana Maria Costa de Araújo. O tratamento da topicalização em gramáticas contemporâneas da língua portuguesa. *Cadernos do CNFL*, v. XX, n. 3, 2016.

SAUTCHUK, Inez. *Prática de Morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática*. São Paulo: Manole, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. (Orgs.) *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Jair Barbosa (2006). *Construções tópicas: uma abordagem funcional*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

_____. (2011). *Essa bolsa, é as minhas coisas do carro: Reflexões acerca do tópico marcado em português*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SOUSA-E-SILVA, Maria Cecília P. de; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e mudança linguística. *Interdisciplinar - Edição Especial*. Ano VIII, v. 17, jan./jun. 2013.

VASCO, Sérgio Leitão (1999). *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____ (2006). *Construções de tópico na fala popular*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WITKOWSKI, Rejane. A sociolinguística e suas principais correntes de estudo. *Maiêutica* - Curso de Letras UNIASSELVI. Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED0168) - Sociolinguística - Prática Módulo III 24/11/2013.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA USO DOS DADOS

ESTADO DO MARANHÃO
PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DE GOVERNADOR NUNES FREIRE
RUA DO COMÉRCIO, Nº 1646, CENTRO
TEL: [98] 3371-1378, e-mail: vara1_gnur@tjma.jus.br

O DOUTOR AURIMAR DE ANDRADE ARRAIS SOBRINHO, MM. JUIZ DE DIREITO TITULAR DESTA COMARCA DE GOVERNADOR NUNES FREIRE, ESTADO DO MARANHÃO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS

Autorizo a servidora **Thaísa Helena Peixoto Castelo Branco**, Técnica Judiciária – Mat. 148189, lotada nesta Comarca de Governador Nunes Freire/MA a utilizar os depoimentos gravados em audiência nesta Comarca, *exclusivamente*, para fins de pesquisa acadêmica, de caráter linguístico. É vedada a reprodução dos referidos depoimentos em qualquer parte, bem como, a divulgação da identidade dos depoentes, sob pena de responder, administrativamente, por tal ato.

Governador Nunes Freire - MA, 01 de dezembro de 2016.

AURIMAR DE ANDRADE ARRAIS SOBRINHO
Juiz de Direito Titular da Comarca de Governador Nunes Freire

APÊNDICE B – CLASSIFICAÇÃO SINTÁTICA DA AMOSTRA

REALIZAÇÕES	CLASSIFICAÇÃO
i) <i>O comportamento dele, ele era uma criança muito legal.</i>	Anacoluto
ii) <i>O Bruno, eu já vi.</i>	Topicalização
iii) <i>Celular, o meu, eu sempre levo ele e desligo.</i>	Anacoluto
iv) <i>Desse fato aí, eu não sei dizer nada.</i>	Topicalização
v) <i>Dessa questão da fuga, acho que ele ainda era menor de idade.</i>	Anacoluto
vi) <i>O Edson, eu também não sei nada sobre ele.</i>	Deslocamento para a esquerda
vii) <i>A arma, eu vi.</i>	Topicalização
viii) <i>Dessa hora, eu não lembro.</i>	Anacoluto
ix) <i>Uns tempos, eu morei muitos dias junto com ele.</i>	Anacoluto
x) <i>De dia, eu não usava muito não.</i>	Topicalização
xi) <i>Disso também, eu não sei o que ele fazia.</i>	Anacoluto
xii) <i>A data, eu não lembro</i>	Topicalização
xiii) <i>Não...o Bruno, a família dele eu conheço.</i>	Topicalização
xiv) <i>O Cará, ele que tava me segurando com a faca no meu pescoço.</i>	Deslocamento para a esquerda
xv) <i>Casa própria, eu não tenho.</i>	Topicalização